

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE HISTÓRIA**

AMANDA ZANELLA ANTUNES DE LIMA

**SABERES DE MULHERES QUILOMBOLAS:
INVERNADA DOS NEGROS (SC)**

**CHAPECÓ
2023**

AMANDA ZANELLA ANTUNES DE LIMA

SABERES DE MULHERES QUILOMBOLAS:

INVERNADA DOS NEGROS (SC)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciada em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Renilda Vicenzi

CHAPECÓ

2023

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Lima, Amanda Zanella Antunes de
Saberes de mulheres quilombolas: Invernada dos Negros
(SC) / Amanda Zanella Antunes de Lima. -- 2023.
60 f. : il.

Orientadora: Dra. Renilda Vicenzi

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em História, Chapecó, SC, 2023.

1. Invernada dos Negros. 2. Saberes. 3. Mulheres
quilombolas. I. Vicenzi, Renilda, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AMANDA ZANELLA ANTUNES DE LIMA

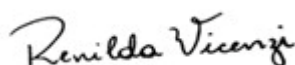
SABERES DE MULHERES QUILOMBOLAS:

INVERNADA DOS NEGROS (SC)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciada em História.

Este trabalho foi defendido e aprovado pela banca em 14/07/2023.

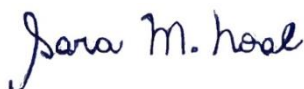
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Renilda Vicenzi – UFFS
Orientadora



Prof.^a Ma. Eliane Taffarel
Avaliadora



Prof.^a Ma. Sara Munique Noal
Avaliadora

À minha querida avó, Maria Antônia de Lima
(*in memoriam*). Você sempre estará em meu
coração.

AGRADECIMENTOS

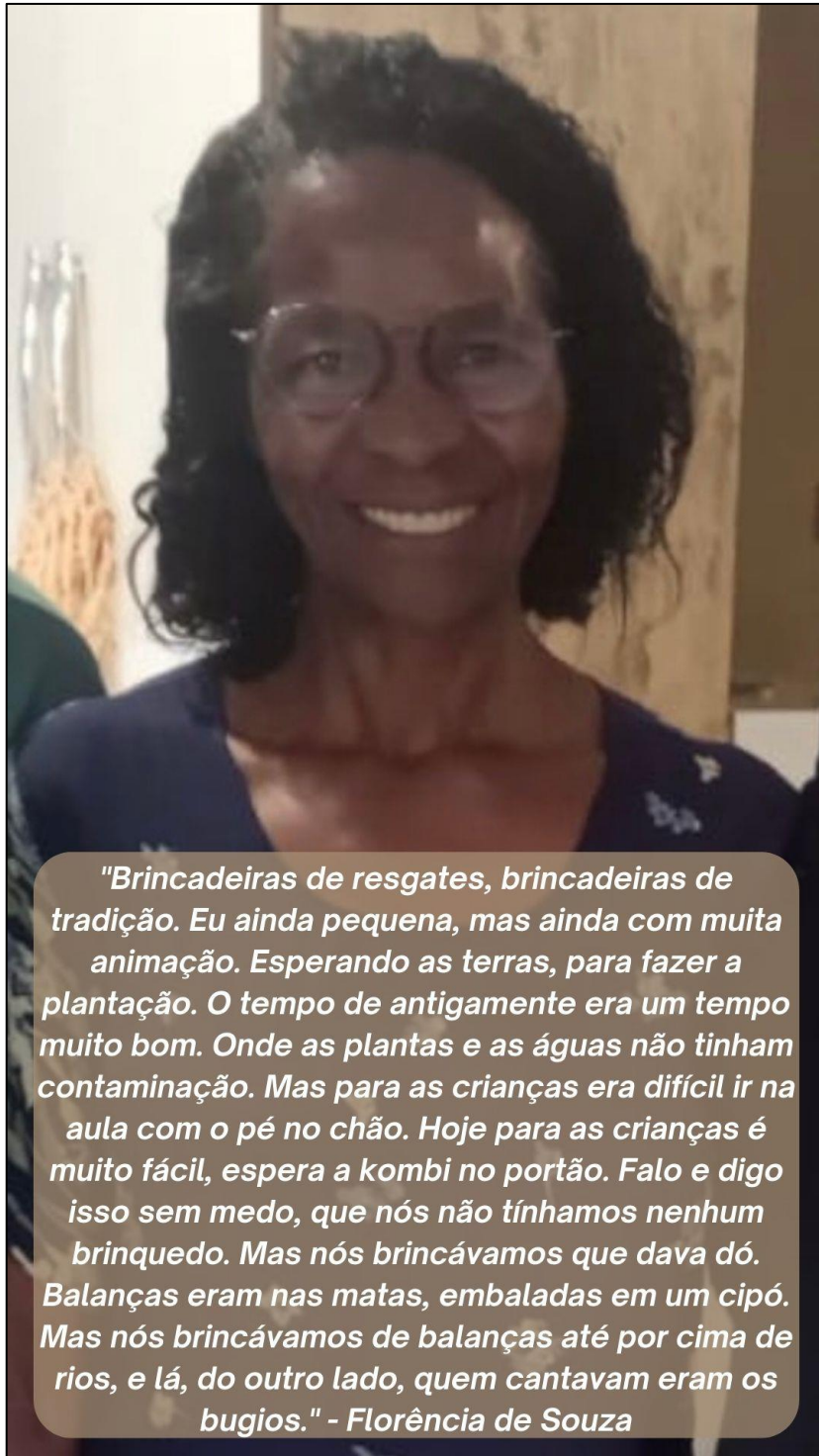
Este trabalho tem um significado que vai além de um objetivo acadêmico. A pesquisa que realizei durante esse processo trouxe um crescimento pessoal significativo. Estou verdadeiramente grata por essa experiência transformadora. A jornada que percorri desde o pré-projeto até a etapa final foi repleta de desafios, mas, no final, cada obstáculo superado valeu a pena.

Gostaria de compartilhar meu sentimento de gratidão nessa página. Em primeiro lugar, gostaria de expressar minha profunda gratidão à minha orientadora, Renilda Vicenzi. Minha admiração por você só aumenta a cada dia que passa. Muito obrigada por tudo, professora! Também gostaria de agradecer à banca examinadora, composta pelas professoras Eliane e Sara, pelo tempo dedicado e pelas valiosas reflexões e considerações que compartilharam sobre o meu trabalho.

Não posso deixar de mencionar minha família, amigos e colegas, que estiveram ao meu lado com apoio incondicional e pela compressão durante todo esse processo. Em especial, agradeço à minha mãe Janete, ao meu pai Marcos, minha madrinha Lurdes, meu padrinho Elson, ao Daniel, por todo apoio, carinho e força que me deu durante todos esses anos, ao meu avô Pedro, minha nona Salete, meu nono Osmar e a minha melhor amiga (e vizinha) Graziela Grapski. Muito, muito obrigada por tudo! Eu amo vocês.

Gostaria de estender meus sinceros agradecimentos às mulheres quilombolas da Invernada dos Negros, Florência, Bertolina, Maria Altiva, Rosely e Dona Angelina. Agradeço por terem compartilhado suas histórias de vida e saberes conosco.

E, especialmente, quero registrar meu amor incondicional a minha querida avó Maria, que onde quer você esteja, saiba que você esteve no meu coração em todos os momentos. Todos seus ensinamentos são uma fonte constante de inspiração para mim, na esperança de ser uma mulher tão forte como você foi. Eu te amo, eternamente.



"Brincadeiras de resgates, brincadeiras de tradição. Eu ainda pequena, mas ainda com muita animação. Esperando as terras, para fazer a plantação. O tempo de antigamente era um tempo muito bom. Onde as plantas e as águas não tinham contaminação. Mas para as crianças era difícil ir na aula com o pé no chão. Hoje para as crianças é muito fácil, espera a kombi no portão. Falo e digo isso sem medo, que nós não tínhamos nenhum brinquedo. Mas nós brincávamos que dava dó. Balanças eram nas matas, embaladas em um cipó. Mas nós brincávamos de balanças até por cima de rios, e lá, do outro lado, quem cantavam eram os bugios." - Florência de Souza

“Brincadeiras de resgates”. A autoria de Florência de Souza.

RESUMO

A presente monografia tem como objetivo conhecer os saberes tradicionais das mulheres da comunidade quilombola Invernada dos Negros - SC por meio de rodas de conversas realizadas entre 18 e 19 de fevereiro de 2023. Guiada pela pergunta, quais e que saberes estas mulheres guardam ou mantêm? A pesquisa sobre os saberes das mulheres quilombolas a partir do registro de suas próprias falas é um campo ainda pouco explorado no âmbito da História, especialmente quando se trata da comunidade Invernada dos Negros. Com a metodologia de rodas de conversa a intenção é estabelecer um diálogo horizontal e colaborativo, onde todas as participantes possam contribuir com suas perspectivas e vivências, enriquecendo a compreensão dos saberes tradicionais da comunidade. É um trabalho que relembra memórias, empodera e valoriza as vozes que por muito tempo foram silenciadas, abrindo caminhos para uma construção histórica mais justa e inclusiva. Neste diálogo a perspectiva interseccional entre gênero e raça em contexto do pós-abolição a partir da História Social nos auxiliou na descrição e análise das falas. Ao propor uma maior visibilidade para essas mulheres e evidenciar seu protagonismo, o trabalho contribui para enriquecer a compreensão da história local e regional.

Palavras-chave: Invernada dos Negros; Mulheres quilombolas; Saberes.

ABSTRACT

The present monograph aims to explore the traditional knowledge of women from the quilombola community of Invernada dos Negros, Estate of Santa Catarina, in a round of conversation held on February 18th and 19th, 2023. Guided by the question of which knowledge these women keep and maintain, the research about the knowledge of quilombola women based on their own testimonies remains an underexplored field within History, especially concerning the Invernada dos Negros community. Using the methodology of rounds of conversation, the intention is to establish a horizontal and collaborative dialogue where all participants can show their perspectives and experiences, valuing the understanding of the community's traditional knowledge. This work recalls memories, empowers, and strengthens voices that have long been silenced, paving the way for a more inclusive historical construction with justice. In this dialogue, the intersectional perspective of gender and race in the context of post-abolition, through Social History, assisted us in the description and analysis of the testimonies. By proposing greater visibility for these women and highlighting their protagonism, this work contributes with enriching the understanding of local and regional history.

Keywords: Invernada dos Negros; Quilombola Women; Knowledge.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Entrada da comunidade.....	16
Figura 2: Bertolina de Souza Pedroso.....	23
Figura 3: Maria Luzia Lopes: sobre o ‘gritador’.....	26
Figura 4: Angelina Fernandes da Silva: narrando sobre visagens.....	27
Figura 5: Visão geral do cemitério em fevereiro de 2023.....	32
Figura 6: Artefatos religiosos de Bertolina de Souza Pedroso.....	33
Figura 7: Retrato do Monge João Maria.....	37
Figura 8: Riacho na propriedade de Dona Angelina.....	44
Figura 9: Plantação de morangas.....	46

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. MULHERES NEGRAS QUILOMBOLAS: BERTOLINA, MARIA LUIZA, ANGELINA, TEREZA, FLORÊNCIA, ROSELY E MARIA ALTIVA	21
2.1 AS VISAGENS, AS ASSOMBRAÇÕES E AS LENDAS DA COMUNIDADE	25
2.2 O CEMITÉRIO	30
2.3 A PRESENÇA DE COSTUMES CATÓLICOS E EVANGÉLICOS	32
2.4 BATISMOS	35
3. TRABALHO E SOCIABILIDADES FAMILIARES	39
3.1 MEMÓRIAS DA INFÂNCIA: BERTOLINA, ANGELINA, FLORÊNCIA E MARIA ALTIVA	40
3.2 PARTOS E PARTEIRAS	46
3.3 RELAÇÃO COM PLANTAS E ERVAS – OS CHÁS MEDICINAIS	47
3.4 PROTAGONISMO DAS MULHERES QUILOMBOLAS	51
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS	58
6. FONTES AUDIOVISUAIS E OFICIAIS	60

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho mostra-se importante como uma contribuição inicial para a valorização e o respeito às diversidades culturais existentes em Santa Catarina, questões e debates têm se tornado cada vez mais caros a uma sociedade marcada por injustiças e desigualdades, e que tem buscado reparar mazelas que têm suas origens na formação histórica do país. Ademais, por eu ser neta de uma mulher benzedeira e bisneta de uma parteira, faz deste trabalho algo que se conecta diretamente à trajetória das mulheres da minha família e à minha História. Conhecer presencialmente a comunidade quilombola da Invernada dos Negros foi uma experiência inesquecível, repleta de aprendizados, mas também de conexão com minhas lembranças da infância, de lembrar tudo o que essas mulheres fortes me ensinaram.

Este trabalho insere-se em perspectiva historiográfica da História Social do pós-abolição, tendo como foco a luta e o reconhecimento de comunidades quilombolas. Conhecer os saberes tradicionais das mulheres da comunidade quilombola Invernada dos Negros é o objetivo principal desta pesquisa, fundamentado na pergunta central: em que medida os saberes tradicionais, referentes à cultura imaterial (crenças, religiosidade, benzeduras, práticas de cura e outros), e à cultura material (modos de fazer e de produzir a subsistência) são ou não preservados pelas mulheres negras quilombolas?

No que diz respeito aos objetivos específicos, eles estão relacionados a: Compreender de que forma a comunidade constrói sua historicidade e cultura a partir dos saberes tradicionais (sobretudo das mulheres), referentes à cultura imaterial e à cultura material; perceber em que medida os saberes tradicionais da comunidade quilombola Invernada dos Negros são mantidos e/ou praticados, para antigas e novas gerações e verificar como as gerações mais antigas lidavam com questões de doença e cura.

Rodas de conversas é a metodologia utilizada para nos aproximarmos do objetivo da pesquisa. Conversas com as mulheres quilombolas da Invernada dos Negros na perspectiva da interseccionalidade entre raça, classe e gênero, contemplamos como argumento central. Tais rodas de conversas serão de acordo com a abordagem e metodologia da História Social e pretende a escuta das falas, que compõem as informações e dados necessários para se responder à problemática de pesquisa e aos nossos objetivos. De acordo com Adriana Ferro Moura e Maria Gloria Lima (2014, p. 99): “A roda de conversa é, no âmbito da pesquisa narrativa, uma forma de produzir dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa”.

Essa metodologia é capaz de proporcionar momentos de fala e de escuta. Nós, como pesquisadores, estamos nos colocando no lugar de aprendizes nesse contexto e, concomitantemente produzindo dados para a discussão. As mulheres quilombolas não narram sozinhas as suas histórias, visto que elas trazem consigo e nas suas narrativas o resgate da memória ancestral, reproduzindo vozes, discursos e memórias de outras pessoas, “que se associam à sua no processo de rememoração e de socialização, e o discurso narrativo, no caso da roda de conversa, é uma construção coletiva”. (2014, p.100).

Portanto, as memórias culturais e individuais dessas mulheres estão intimamente ligadas. É importante destacar que a matriz colonial do poder¹ sempre invalidou os saberes e conhecimentos dos quilombolas, com destaque as mulheres quilombolas submetidas a exclusão de gênero e moldou (MALAFAIA, 2019), negativamente, as suas histórias e memórias, pautadas na submissão, no esvaziamento da subjetividade, na dor e na opressão.

Conhecer os mais diversos saberes das mulheres quilombolas a partir do registro de suas próprias falas nas rodas de conversa mostra-se relevante para a historiografia, visto que ainda não foi amplamente investigado em pesquisas no campo da História, ao menos quando se trata da comunidade Invernada dos Negros. É notável que grande parte do patrimônio intelectual das mulheres quilombolas brasileiras não está sendo preservado, seja pela falta de necessidade das novas gerações em relação a eles (por causa dos avanços da medicina e da tecnologia), ou pela indiferença acadêmica acerca de promover pesquisas sobre esses saberes que existem há séculos. Ademais, o presente trabalho monográfico entende como elemento intrínseco a ele propor uma maior visibilidade das mulheres quilombolas da comunidade Invernada dos Negros, evidenciando seu protagonismo.

As mulheres quilombolas como Maria Luzia Lopes, Angelina Fernandes da Silva, Bertolina de Souza Pedroso e Tereza de Souza são moradoras da Invernada que concederam entrevista para o documentário *Sua cor bate na minha*², de 2005, evidenciando seu protagonismo. Angelina e Florência de Souza também conversaram conosco na roda de conversa e falam no documentário *Invernada dos Negros*³, de 2021.

¹ Conceito defendido por Walter Dignolo, no qual refere-se ao conhecimento produzido dentro do espectro do pensamento hegemônico ocidentocêntrico (brancos, ocidentais, patriarcais, heterossexuais e cristãos). Publicação original: MIGNOLO, Walter D. E. Desafios coloniais hoje. **Epistemologias do Sul**. Foz do Iguaçu, PR, 1(1), pp. 12- 32, 2017.

² Sua cor bate na minha. Produzido por Elizamara Nilson e Paula Argenta Garcia. Laboratório de Televisão Jornalismo Unochapecó. Projeto Experimental, 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gm-WjcZwgv&t=300s>. Também disponível VHS para consulta local no acervo audiovisual do CEOM. Acesso em 10 de fevereiro de 2023.

³ Invernada dos Negros. Produzido por Eduardo do Nascimento. Segundo Congresso Nacional do Contestado, 2021. Disponível em: <tps://www.youtube.com/watch?v=5rbETobiNk8>. Acesso em 10 de fevereiro de 2023.

Juntamente com as rodas de conversa utilizamos como fonte de pesquisa os dois documentários citados sobre a Invernada dos Negros. O audiovisual nos possibilita adentrar em um universo de linguagens como a fotografia, o filme e o áudio. O gênero documentário reúne variadas formas de representar a realidade do cotidiano que ele está registrando, na qual a presença de depoimentos e de registros históricos constituem seus elementos. De acordo com a professora Cristina Teixeira Vieira de Melo (2013), as informações obtidas por meio do documentário são entendidas como “lugar de revelação” e de “acesso à verdade” sobre determinado fato, lugar ou pessoa, portanto são construções da realidade social.

Um dos dois documentários das análises se chama *Sua cor bate na minha* gravado na comunidade Invernada dos Negros e produzido pelas jornalistas Elizamara Nilson e Paula Argenta Garcia, como seus trabalhos de conclusão de curso em Jornalismo pela Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó). O propósito do documentário é tornar os atores sujeitos de suas histórias, possibilitando que estes assumam a autoria da narrativa documental. Durante seus dezoito minutos e vinte e cinco segundos de duração, *Sua cor bate na minha* aborda temas como preconceito racial, influência da cultura negra na região, as lendas existentes no quilombo e a divisão de terras da Invernada dos Negros. Os depoimentos registrados dos moradores da comunidade são sequencializados entre um e outro durante o documentário, alternando com a exibição de informações acerca da historicidade da comunidade escritas em um fundo preto.

O segundo documentário utilizado como fonte é o documentário *Invernada dos Negros*, produzido por Eduardo do Nascimento e apresentado no Segundo Congresso Nacional do Contestado em 2021. Por ser um documentário mais recente em comparação à *Sua cor bate na minha*, ele conta com informações atualizadas acerca da comunidade da Invernada, como o depoimento de professores e moradores sobre a demolição da escola que havia próximo a comunidade.

Sobre a pesquisa de campo na metodologia de rodas de conversas: saímos eu, a professora Renilda Vicenzi, as pesquisadoras Eliane Taffarel e Lidiane Taffarel de Chapecó (SC) em direção à comunidade da Invernada dos Negros na madrugada do dia 17 de fevereiro de 2023. Chegamos na casa de Rosely de Fátima Oliveira por volta das 9h de uma manhã de sábado muito fria. Ela, assim como todas as mulheres que conversamos, nos recebeu de forma muito atenciosa e simpática. Entre nós, comentamos que nos sentimos em casa pelo acolhimento. O primeiro encontro com Rosely durou 3h e ela nos ofereceu um café e bolachas

durante a nossa conversa. Rosely é uma liderança na comunidade e tem um papel ativo na Igreja Católica. Ela nos contou sobre sua vida e lembrou histórias sobre sua mãe Nair, que foi uma das professoras da comunidade e que desempenhou um papel de suma importância na criação da Associação Remanescentes de Quilombo Invernada dos Negros (ARQIN⁴). Seguimos pela comunidade durante o dia com visita ao cemitério e a casa da senhora Maria Altiva Dias e à noite, voltamos para a casa de Rosely, que nos preparou uma deliciosa refeição.

A comunidade da Invernada dos Negros é um território de grande extensão, então tivemos dificuldade em encontrar a casa da dona Maria Altiva. No caminho, coincidentemente, encontramos Florência de Souza, que estava indo para a igreja. Ela nos auxiliou a encontrar a casa de Maria Altiva e disse que após o culto estaria nos esperando na sua residência para conversarmos. Dona Maria Altiva e seu marido nos receberam em sua casa e conversamos sobre chás, receitas de remédios caseiros, sobre benzimentos, batismo em casa, casamentos, entre vários outros assuntos. Em certo momento, Maria, que tem várias árvores frutíferas pelo seu quintal, nos ofereceu alguns butiás frescos, que colheu na mesma hora. Na sequência visitamos Florência, já no fim daquela tarde. Florência e seu filho nos receberam na sala de sua casa e tivemos uma agradável conversa por bastante tempo. Florência é professora dos “Saberes, da ancestralidade e da história da comunidade” do 9º ano na Escola Estadual José Faria Neto e, trabalha cultivando feijão sem agrotóxicos na sua lavoura. Ela também é poeta e declamou dois de seus poemas para nós, que iremos conferir mais à frente. Ela também nos contou sobre o trabalho das parteiras e sobre as visagens e lendas da comunidade.

Fomos até a casa da Angelina Fernandes da Silva no dia 18 de fevereiro, por volta das 9h da manhã. Era um domingo e na casa da Dona Angelina haviam muitos familiares. Estavam presentes suas filhas, netos, netas, bisnetos, bisnetas e genros. Suas filhas estavam iniciando o preparo do almoço no momento que chegamos e elas foram muito receptivas nos convidando para almoçar junto com a sua família. Devido à falta de tempo, não pudemos aceitar o convite para o almoço, mas aproveitamos a conversa tomando várias cuias de chimarrão juntas e andando pela propriedade. Dona Angelina é conhecida por ser uma liderança feminina na comunidade, e na nossa conversa conhecemos mais sobre a sua trajetória de vida, assim como as histórias das suas filhas que estavam presentes durante o nosso diálogo.

No fim da tarde daquele domingo, saímos da Invernada dos Negros e fomos até Campos Novos com o intuito de encontrar e conversar com Bertolina de Souza Pedroso, que

⁴ A Associação Remanescentes de Quilombo Invernada dos Negros (ARQIN) foi criada em 2003. A criação da ARQIN serviu para lutar pelos direitos do território e de políticas públicas básicas e trazer visibilidade para uma comunidade que até então era invisibilizada e negligenciada.

também participou do documentário *Sua cor bate na minha*. Antes de irmos para Campos Novos, almoçamos um excelente churrasco na casa de Teco Lima, irmão de Rosely e ex-presidente da ARQIN, ele que cordialmente nos ofereceu sua casa para dormirmos na noite anterior. Entramos em contato com o filho de Bertolina, Carlos, que nos explicou o caminho até sua casa em Campos Novos. Na casa de Bertolina estavam alguns de filhos e netos reunidos no momento em que chegamos. Ela é uma senhora de 90 anos que nasceu e cresceu na comunidade e nos contou muitas histórias sobre seus pais, sobre sua infância, seus métodos de artesanato e de costuras.

A comunidade rural Invernada dos Negros, localizada nos municípios catarinenses de Campos Novos (Invernada dos Negros – II) e Abdon Batista (Invernada dos Negros – I), em 20 de junho de 2004 recebeu da Fundação Cultural Palmares o documento da Certidão de Autorreconhecimento como “Comunidade Remanescente de Quilombos”⁵, sendo a primeira comunidade catarinense a ser certificada e reconhecida pela Fundação Palmares.

Segundo os dados fornecidos pela Gerência de Políticas para Igualdade Racial e Imigrantes (GEIRI⁶) há um total de 21 comunidades quilombolas em Santa Catarina, localizadas em 16 municípios catarinenses. Todas as comunidades estão certificadas, exceto o quilombo de Mocotó/Queimada (Florianópolis) e a comunidade de Rosalina (Araranguá), cujas as certificações das duas encontram-se em análise. Os dados foram fornecidos com base no Cadastro Único de 2020, nas lideranças quilombolas, no Movimento Negro e no Conselho Estadual da População Afrodescendente e, contabilizam 1.350 famílias residentes dos quilombos, totalizando 4.595 pessoas.

Na área da Invernada dos Negros há as comunidades de Manoel Cândido, Arroio Bonito, Espigão Branco e Corredeira, está última está localizado o cemitério da comunidade. Nas quatro localidades (VICENZI, TAFFAREL, 2021) residem homens e mulheres que compõem gerações de legatários, terras que pertenceram a seus pais, seus avós, suas bisavós, portanto ali está a memória de pertencimento ao passado e as vivências do presente.

⁵ Segundo o site da Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos, os remanescentes de quilombo são definidos como grupos étnico-raciais que tenham também uma trajetória histórica própria, dotado de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida, e sua caracterização deve ser dada segundo critérios de autoatribuição atestada pelas próprias comunidades. Disponível em: <http://conaq.org.br/quem-somos/#:~:text=Os%20remanescentes%20de%20quilombo%20s%C3%A3o,ser%20dada%20segundo%20crit%C3%A9rios%20de>.

⁶ A Gerência de Políticas para Igualdade Racial e Imigrantes (GEIRI) propõe planejar, organizar, articular e supervisionar a formulação e execução de políticas públicas transversais de valorização, proteção e promoção dos direitos de igualdade racial e imigrantes.

A formação de quilombos ocorre no Brasil desde o início da escravidão, formaram-se milhares, e nos anos finais da escravidão, muitos ex-escravizados que buscavam uma vida livre foram recebidos em quilombos que já existiam. Contudo, Flávio dos Santos Gomes (2015) comenta que mesmo após a Abolição da escravatura, em 1888, os quilombos continuaram a se reproduzir pelo território brasileiro. Nas décadas seguintes à abolição, a movimentação dos libertos e também dos descendentes dos quilombolas ampliou o campesinato negro e a proliferação de comunidades negras rurais.

Atualmente, há comunidades negras rurais por todo o país e seus habitantes são descendentes dos milhares de quilombolas que resistiram, ou por direito, ou através de heranças, ou compras e habitam o território. Há cerca de cinco mil comunidades remanescentes de quilombos pelo Brasil. Durante grande parte do século XX, as populações remanescentes de quilombos não eram reconhecidas como tais, mas chamadas de camponesas, extrativistas, caiçaras etc. Ser remanescente de quilombo trazia à tona o estigma da escravidão e o preconceito que havia contra essas populações marginalizadas. Hoje, essas comunidades remanescentes de quilombolas reivindicam o reconhecimento de seus direitos territoriais e de seus valores culturais.

Figura 1: Placa de identificação da Comunidade Quilombola Invernada dos Negros.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia realizada durante a viagem de campo.

A Invernada dos Negros possui uma trajetória repleta de resistências, marcada pela falta de políticas públicas e pelo histórico de invisibilidade e abandono para com a comunidade e seus habitantes, além de perdas de seus territórios. Vicenzi e Taffarel (2019) ressaltam que estudar o pós-abolição na Invernada dos Negros é constatar a invisibilidade a que foram

submetidos, e ressaltam que estudar a comunidade é adentrar nos assuntos acerca do pós-abolição, estando vinculada ao parentesco, ao pertencimento à terra, ao reconhecimento e o orgulho de sua ancestralidade. Desta forma, torna-se possível conectar com a sensibilidade destas pessoas, em destaque para as mulheres quilombolas, através de suas experiências, as quais possuem uma grande contribuição da oralidade, das relações sociais, no campo da coletividade e do pertencimento.

É garantido por lei, aos afrodescendentes quilombolas, o direito possessório das terras ocupadas e herdadas por seus antepassados, mas ainda assim, muitas comunidades têm enfrentados problemas, motivados, entre outros fatores, pela morosidade dos órgãos políticos na titulação definitiva de suas terras e na lentidão dos processos que garantem seus territórios. Portanto, é importante que os órgãos estaduais e federais cumpram seus deveres para com a população remanescentes de quilombos e que a sociedade brasileira esteja cada vez mais consciente para defender a memória e a preservação daqueles locais. Infelizmente, o cenário ainda é de luta pelo reconhecimento aos direitos ancestrais de posse da terra e as terras quilombolas são com frequência alvo de invasões de mineradoras, madeireiras, caçadores e posseiros.

As formações rurais do pós-emancipação foram caracterizadas como um “campeinato itinerante”, marcado por famílias negras organizadas por parentesco, culturas ancestrais e uso comum do território. Ali se mesclaram as antigas e reformadas comunidades de fugitivos da escravidão, expandindo-se ainda mais as dimensões dos quilombolas e seus remanescentes, presentes no fim do século XIX, mas também no XX e no XXI. Cerca de 5 mil comunidades remanescentes de quilombos encontram-se espalhadas de norte a sul do Brasil, em povoados constituídos por famílias cujo número varia de trinta a 2 mil. (GOMES, 2018, p. 392).

É no contexto histórico da criação de novas vilas, como a de Lages no século XVIII, que foram construídas e habitadas por fazendeiros e pequenos proprietários com suas famílias e escravarias, que a comunidade negra passa a ser presença. De acordo com Raquel Mombelli (2015), as terras da Invernada dos Negros foram doadas sob a condição de seu uso comum, indiviso e perpétuo pelas sucessivas gerações das famílias de herdeiros, logo essas terras jamais poderiam ser vendidas, alienadas ou trocadas, somente repassas às gerações sucessivas dos descendentes dos legatários das terras e o testamento também determinou a liberdade dos africanos escravizados, que receberiam as chamadas “terras de herança”.

As teorias de branqueamento – muito disseminadas por cientistas, políticos e pela elite brasileira durante o século XIX – considerava o ideal para a nação ter a sua população totalmente branca. Os negros e os indígenas, por sua vez, eram considerados “inferiores”, “inadequados” e “atrasados” em relação aos brancos, além de serem a maior parte da população

brasileira, traduziam-se num “entrave”, segundo Raquel Mombelli (2015), ao modelo de desenvolvimento, progresso e civilização que o Brasil visava alcançar. Desta forma, os imigrantes europeus e a expedição da Lei de Terras (nº 601) de 1850 – que regulamentou a concessão de terras públicas e tornou mais fácil sua compra por estrangeiros – apareciam como solução para o branqueamento das raças no país. Importante ressaltar que a Lei de Terras visava privilegiar os interesses da elite e as políticas de branqueamento influenciaram na tentativa de apagamento histórico das terras já ocupadas pela população negra.

A abolição da escravatura foi uma medida capaz de tornar o Brasil um país civilizado diante do mundo, através do trabalho livre, mas isto significou a exclusão dos “nacionais” e a imigração europeia o único instrumento para instituir a civilização no país. “A ideologia de branqueamento e a ideia de mistura produziram efeitos sobre a forma como percebemos nossa realidade e como as ideias difundidas por essas teorias permanecem ainda com vitalidade no tempo presente” (MOMBELLI, 2015, p.133). As terras da comunidade Invernada dos Negros, como foram mencionadas no início do texto, não poderiam ser vendidas, trocadas ou alienadas, porém o novo projeto nacional não reconhecia a posse dessas terras por uma população negra, pela razão de não corresponder aos seus ideários. A mentalidade da elite daquela época era de que os indivíduos negros só poderiam estar ligados à escravidão.

Tanto é que todos os testamentos, apesar de lavrados em cartórios, foram ao longo da história objeto de múltiplos mecanismos acionados pelo Estado brasileiro, para deslegitimar as posses de terras por essas comunidades negras que eram também herdeiras e proprietárias de terras. (MOMBELLI, 2015, p.135)

Todavia, desde o final da década de 1980, pesquisas antropológicas tornaram conhecidas as condições históricas de agrupamentos negros, suas formas de organização e de mobilização pelo direito à terra, neste caso, no sul do Brasil. Alguns dispositivos constitucionais foram aprovados após as reivindicações de organizações de movimentos negros em 1988, que foram levadas à Assembleia Constituinte do mesmo ano. A aprovação de tais reivindicações foi concebida como formas de compensação e reparação à opressão histórica sofrida por essas pessoas. Ilka Boaventura Leite e Ricardo Cid Fernandes (2006, p.9) apresentam os respectivos dispositivos legais aprovados:

Quilombo como direito à terra, enquanto suporte de residência e sustentabilidade, há muito almejadas, nas diversas unidades de agregação das famílias e núcleos populacionais compostos majoritariamente, mas não exclusivamente de afrodescendentes – CFB/88 Artigo 68 do ADCT- sobre “remanescentes das comunidades de quilombos”; 2- Quilombo como um conjunto de ações em políticas públicas e ampliação de cidadania, entendidas em suas várias dimensões – CFB/88- título I direitos e garantias fundamentais, título II, cap. II- dos direitos sociais; 3- Quilombo como um conjunto de ações de proteção às manifestações

culturais específicas- CFB/88 -artigos 214 e 215 sobre patrimônio cultural brasileiro.

De acordo com Vicenzi e Taffarel (2021), a comunidade remanescente quilombola da Invernada dos Negros é um território que fora legado no contexto da sociedade escravista brasileira. Todavia, a terra recebida não significou inserção social, visibilidade e mobilidade para os moradores, pois estes, ao longo de décadas, foram excluídos, roubados e segregados. Apesar de proprietários dessas terras, os moradores da Invernada dos Negros, ao longo dos novecentos, não tiveram acesso à cidadania e outros direitos básicos, além de serem constantemente alvos de ameaças e ataques de homens brancos “de posses” e letrados que desejavam explorar tais terras e utilizar a mão de obra dos moradores da comunidade.

O argumento de que a Invernada dos Negros não era quilombo foi usado desde o reconhecimento como comunidade quilombola pela Fundação Cultural de Palmares, em 2004. Essa negação da existência de quilombo em Campos Novos se deve a compreensão do termo quilombo do período colonial, em que o mesmo era visto como crime, formado através de grupos de escravos fugidos. Porém, a partir da Constituição de 1988 o termo quilombo passou a ser ressignificado [...] e se no passado quilombo era classificado como um crime, passou a ser considerado como uma categoria de autodefinição, voltada a reparar danos e acessar direitos. (VICENZI; TAFFAREL, 2019, p. 4)

Ainda, segundo as autoras, apesar das terras legadas serem registradas oficialmente em cartório, ao longo do tempo, os legatários negros foram perdendo seu território por diversos mecanismos. A comunidade Invernada dos Negros foi reconhecida em 2004, porém enfrentou e enfrenta até hoje diversos questionamentos sobre ser quilombola e para ter acesso à titulação das terras que são suas por direito.

O presente trabalho está estruturado em dois capítulos. Até o momento, abordamos as fontes utilizadas, o caminho teórico, a contextualização histórica e a composição da comunidade Invernada dos Negros, bem como a questão quilombola no Brasil. O primeiro capítulo, intitulado "Mulheres negras quilombolas: Bertolina, Maria Luiza, Angelina, Tereza, Florência, Rosely e Maria Altiva", concentra-se nas narrativas das mulheres quilombolas presentes nos documentários *Sua cor bate na minha* e *Invernada dos Negros (2021)*, assim como nas rodas de conversa realizadas durante a visita à Invernada dos Negros em fevereiro de 2023. Este capítulo está subdividido nos seguintes tópicos: As visagens, assombrações e lendas da comunidade; O cemitério; A presença de costumes católicos e evangélicos e Batismos.

O segundo e último capítulo desta monografia, intitulado "Trabalho e Sociabilidades Familiares", também tem como foco as fontes mencionadas anteriormente e aborda os seguintes subtópicos: Memórias da infância: Bertolina, Angelina, Florência e Maria Altiva; Partos e

parteiras; Relação com plantas e ervas - os chás medicinais e Protagonismo das mulheres quilombolas. Nesse capítulo, exploraremos as experiências e vivências das mulheres quilombolas em relação ao trabalho, às relações familiares e às práticas tradicionais ligadas à cura e ao cuidado com a saúde. Além disso, daremos destaque ao protagonismo dessas mulheres na comunidade, ressaltando sua importância e contribuição para a preservação da cultura e identidade quilombola.

2. MULHERES NEGRAS QUILOMBOLAS: BERTOLINA, MARIA LUIZA, ANGELINA, TEREZA, FLORÊNCIA, ROSELY E MARIA ALTIVA

No presente capítulo, concentramos nossa atenção nas narrativas das mulheres quilombolas que foram captadas nos documentários *Sua cor bate na minha* (2005) e *Invernada dos Negros* (2021), bem como nas rodas de conversa realizadas durante nossa visita à Invernada dos Negros em fevereiro de 2023.

Apresentamos recortes dos documentários supracitados e das rodas de conversas das falas das mulheres quilombolas Maria Luzia Lopes⁷ (Figura 3), Angelina Fernandes da Silva (Figura 4), Bertolina de Souza Pedroso (Figura 2), Tereza de Souza⁸, Florência de Souza, Rosely de Fátima Oliveira e Maria Altiva Dias acerca de seus saberes, trajetórias de vida e percepções do mundo. Todas elas possuem ancestralidade em comum, a partir da africana Josepha e do crioulo Domingos.

No século XIX, no interior da província de Santa Catarina, na fazenda São João pertencente aos escravagistas Matheus José de Souza e Oliveira e Pureza Emilia da Silva, a africana Josepha vivia em união consensual com Domingos, formando uma família junto com os filhos Manoel, Margarida e Damásia. Esta família escravizada recebeu alforria condicionada em 1866 e foram nominados como legatários de terra no testamento de 1877 (VICENZI, TAFFAREL, 2021, p. 5).

Dona Angelina Fernandes da Silva, conhecida carinhosamente como Dona Angelina pela comunidade, pertence ao núcleo da liberta Damásia Maria de Souza, bisavó de Angelina e filha da africana Josepha e do crioulo Domingos. Sua linhagem familiar remonta às raízes africanas que moldaram a história da comunidade Invernada dos Negros. Nascida em 23 de agosto de 1946, Dona Angelina desempenhou um papel fundamental na luta pela valorização e reconhecimento do território quilombola. Ela foi a primeira presidente da Associação Remanescentes de Quilombo Invernada dos Negros (ARQIN), dedicando-se incansavelmente à causa quilombola e à busca pela titulação das terras e acesso a políticas públicas.

Durante seu mandato na ARQIN, que durou até junho de 2006, Dona Angelina empreendeu esforços significativos para promover o desenvolvimento socioeconômico da comunidade. Foi nesse período que o "Grupo de Produção de Renda e Emprego Damásia Margarida" foi criado, sendo formado e liderado por mulheres quilombolas associadas à ARQIN. Esse grupo visava fortalecer a autonomia econômica das mulheres da comunidade.

⁷ Não foram encontradas mais informações referentes à trajetória de vida de Maria Luzia Lopes.

⁸ Não foram encontradas mais informações referentes à trajetória de vida de Tereza de Souza.

Angelina é reconhecida por sua habilidade em lidar com situações conflituosas e por sua postura conciliadora. Como uma liderança respeitada na Invernada, ela sempre buscou apaziguar as diferenças e encontrar soluções pacíficas para os desafios enfrentados pela comunidade. Sua abordagem empática e sua disposição para ouvir atentamente as preocupações e ideias das pessoas contribuíram para a construção de um ambiente de diálogo e colaboração. Embora sua atuação na presidência da ARQIN tenha sido marcante, Dona Angelina continua dedicada ao bem-estar da comunidade em outros aspectos. Atualmente, ela dedica seu tempo aos cultos da congregação da igreja, que são realizados em uma igreja ao lado da sua casa. Angelina é uma figura admirada e respeitada, cuja trajetória de luta e dedicação deixou um legado duradouro na comunidade da Invernada dos Negros. Sua liderança, compromisso com a justiça social e habilidade em promover mudanças positivas são exemplos inspiradores para as gerações presentes e futuras.

Bertolina de Souza Pedroso (Figura 2), pertence ao tronco de Manoel Cândido, descendente de Manoel de Souza e bisneta de Josepha e Domingos. Sua vida está intimamente ligada à comunidade da Invernada dos Negros, local onde nasceu e passou a maior parte de sua existência. Foi lá que ela criou seus seis filhos e testemunhou o crescimento de sua família. A religião católica desempenha um papel significativo na vida de Dona Bertolina, sendo uma fonte de inspiração e conforto espiritual. Ela expressa seu amor e devoção pela sua fé, encontrando força e orientação nas práticas e ensinamentos católicos.

No ano de 2017, Bertolina teve que deixar a Invernada dos Negros em função de sua saúde. Em busca de cuidados e apoio familiar, ela mudou-se para Campos Novos, onde seus filhos, nora e netos residem atualmente. Apesar da mudança de ambiente, a conexão de Dona Bertolina, que está com 90 anos, com sua comunidade de origem e suas raízes permanece forte. Ela carrega consigo as memórias e experiências da Invernada dos Negros, mantendo vivo o vínculo com sua história, tradições e valores transmitidos por gerações. Bertolina é uma figura respeitada e admirada na comunidade, representando a sabedoria, a força e a perseverança dos antigos. Sua jornada de vida é um exemplo de resiliência e amor pela família, bem como um testemunho da importância de preservar as tradições e valores que moldaram sua identidade e a da comunidade em que viveu.

Figura 2: Bertolina de Souza Pedroso



Fonte: Documentário “Sua cor bate na minha”. Acervo Unochapecó.

Florência Lopes de Souza, nascida em 13 de dezembro de 1964 na comunidade Invernada dos Negros, é uma mulher orgulhosamente enraizada nas tradições e histórias de sua ancestralidade. Seu legado remonta ao tronco da Damásia, por parte de sua mãe, Olivia Fernandes Caripuna, e ao tronco de Margarida, por parte de seu pai, Otávio Lopes de Souza. Seu avô se chamava Atílio Fernandes Caripuna e sua avó era Florência Caripuna dos Santos, uma renomada parteira que deixou sua marca na comunidade. A conexão com suas raízes e a herança cultural de sua família moldaram profundamente a identidade de Florência.

Durante um período de quatro anos, Florência e seu irmão viveram em Campos Novos, uma experiência que ela descreve como desafiadora e deprimente, pois não conseguiram se adaptar à vida na cidade. Essa vivência reforçou ainda mais sua apreciação pela comunidade e pelo estilo de vida tradicional a que estavam acostumados. Atualmente, em 2023, Florência dedica seu tempo à lavoura, cultivando feijão de forma sustentável e livre de agrotóxicos. Além disso, ela desempenha um papel fundamental como professora nos 9º anos na E.E.B. José Faria Neto, compartilhando conhecimentos sobre os saberes e a ancestralidade da comunidade.

Em suas aulas, Florência aborda temas como a importância da conservação da natureza, métodos tradicionais de plantio, os malefícios dos agrotóxicos, a história dos quilombos e dos escravizados, entre outros assuntos que destacam a rica história e cultura da comunidade. Além de suas atividades como professora e agricultora, Florência também tem talento para a escrita e a declamação de poemas. Com seus poemas, Florência compartilha suas emoções, lembranças, pensamentos e reflexões sobre a vida, a natureza e as tradições que são tão significativas para ela e para a comunidade. Florência é uma guardiã de conhecimentos e

valores preciosos, comprometida em preservar as tradições, honrar a memória de seus antepassados e transmitir esses ensinamentos às gerações futuras. Sua dedicação à sua comunidade e à conservação de suas raízes é uma inspiração e um exemplo de respeito pela história e sabedoria ancestral.

Maria Altiva Dias, orgulhosamente se considera "Garipuna pura", é filha de Maria Julia Garipuna Fernandes e pertencente ao tronco da Damásia. Ela nasceu no dia 11 de abril de 1950 e, na ocasião de nossa conversa, tinha 72 anos. Maria casou-se por volta dos 24 anos e formou uma família com oito filhos ao lado de seu marido. A maternidade sempre desempenhou um papel central em sua vida, dedicando-se com amor e cuidado à criação e educação de seus filhos.

Rosely de Fátima Oliveira, nascida em 25 de maio de 1967, tem uma linhagem familiar que remonta a sua bisavó Margarida, através do avô que era neto de Margarida. Sua mãe, Maria Nair Gonçalves de Lima, foi uma professora muito influente na comunidade da Invernada e tinha o desejo de que Rosely seguisse seus passos na carreira docente. No entanto, Rosely optou por estudar Enfermagem em 1994 e se formou em 1998. Ela trabalhou em um hospital até 2010, quando decidiu se aposentar e retornar à comunidade de Invernada dos Negros. Sua aposentadoria e retorno à Invernada dos Negros demonstram sua conexão e vínculo com a comunidade onde nasceu e foi criada.

Atualmente, Rosely desempenha um papel importante na comunidade, atuando como ministra da Igreja Católica local. Além disso, ela também é uma participante ativa no Clube de Mães⁹, onde compartilha suas experiências e conhecimentos com outras mulheres da comunidade.

Na sequência descrevemos no primeiro subtópico sobre - As visagens, assombrações e lendas da comunidade, que nos transporta para o universo das histórias e mitos que permeiam a Invernada dos Negros. Através das narrativas compartilhadas pelas mulheres quilombolas, mergulhamos em um mundo místico e rico em tradições, compreendendo a importância dessas histórias na construção da identidade e memória coletiva da comunidade.

O segundo subtópico, O cemitério, nos leva a refletir sobre o espaço sagrado que abriga os entes queridos que partiram. Exploramos as percepções das mulheres quilombolas em

⁹ O Clube de Mães Invernada dos Negros é uma organização comunitária localizada na comunidade da Invernada dos Negros. O clube tem como objetivo promover a união e o desenvolvimento social das mulheres da comunidade, por meio de atividades educativas, culturais e de lazer. As atividades desenvolvidas pelo Clube de Mães incluem aulas de artesanato, culinária, dança, teatro, entre outras. Além disso, o clube promove eventos e festas para arrecadar fundos e investir em melhorias para a comunidade, como a construção de uma sede própria para as atividades do clube.

relação ao cemitério, suas práticas de cuidado e reverência aos antepassados, bem como a conexão emocional e espiritual que estabelecem com esse local de memória.

No terceiro subtópico, A presença de costumes católicos e evangélicos, examinamos a influência das religiões cristãs na vida cotidiana da comunidade. A partir das falas das mulheres quilombolas, compreendemos como as práticas religiosas católicas e evangélicas se entrelaçam com a identidade quilombola, revelando a forma como essas mulheres vivenciam e expressam sua fé.

No último intitulado Batismos, nos permite adentrar no significado e nas práticas relacionadas a esse importante sacramento cristão. Através das narrativas das mulheres quilombolas, compreendemos as peculiaridades e rituais envolvidos nos batismos realizados na comunidade, revelando a importância desse evento na vida e no pertencimento quilombola.

Ao explorar esses tópicos, buscamos ampliar nossa compreensão sobre as vivências, sabedorias e perspectivas das mulheres quilombolas da Invernada dos Negros. Suas histórias e experiências nos revelam a riqueza e diversidade de suas trajetórias de vida, bem como a importância de valorizar e preservar suas contribuições para a cultura e identidade quilombola.

2.1 AS VISAGENS, AS ASSOMBRAÇÕES E AS LENDAS DA COMUNIDADE

As "visagens", que podem ser associadas a aparições e visões sobrenaturais, são mencionadas várias vezes no documentário, especialmente na referida lenda do Gritador. Essa lenda é extremamente popular entre os moradores da Serra Catarinense e tem sido amplamente disseminada na comunidade da Invernada dos Negros ao longo dos anos e gerações. As aparições relatadas pelas mulheres quilombolas podem ser tanto de espíritos benevolentes quanto de espíritos malignos. No caso específico do Gritador, trata-se de uma alma penada, um espírito vingativo e malévolo. Durante o relato de Maria Luzia Lopes¹⁰, ela sorri ao mencionar ter ouvido o Gritador nos morros da comunidade, demonstrando a familiaridade e o respeito com essa lenda local. Essas histórias sobrenaturais fazem parte da rica tradição oral quilombola, contribuindo para a construção de uma identidade cultural única.

¹⁰ **Maria Luzia Lopes**. Documentário "Sua cor bate na minha". Acervo Unochapecó.

Um elemento importante a destacar é o cemitério, onde Maria Luzia Lopes é entrevistada, sentada em frente à lápide de Cândido de Souza¹¹. Esse cemitério é considerado um lugar sagrado pelos legatários e descendentes da comunidade quilombola. Conforme mencionado por Lidiane Taffarel (2020), o cemitério é um símbolo de pertencimento e de conexão com o território, uma vez que ali repousam os antepassados da comunidade. A presença desse espaço sagrado ressalta a importância da ancestralidade e da ligação profunda que os moradores da Invernada dos Negros têm com o seu passado e com a terra que habitam.

Ao abordar as "visagens" e a importância do cemitério na narrativa das mulheres quilombolas, reconhecemos a relevância desses elementos na construção da identidade cultural quilombola da Invernada dos Negros. Essas histórias e práticas religiosas são expressões vivas de um legado ancestral, enriquecendo a compreensão da história e das percepções de mundo dessas mulheres quilombolas.

Figura 3: Maria Luzia Lopes: sobre o ‘Gritador’.



Fonte: Documentário “Sua cor bate na minha”. Acervo Unochapecó.

Dona Angelina¹² estava sentada em um local próximo à sua casa, onde ao fundo podiam ser avistadas majestosas araucárias e um potreiro (local destinado à pastagem dos animais), quando começou a relatar com genuíno entusiasmo o dia em que teve a extraordinária experiência de escutar o Gritador. Ela descreve que um cachorro chamou a sua atenção por estar latindo muito enquanto o Gritador emitia gritos altos que ecoavam pela comunidade. Cinco minutos depois, ela relata que ouviu o som de um machado cortando uma árvore e a árvore

¹¹ Cândido de Souza era filho do legatário Manoel, escravizado de Matheus José de Souza e Oliveira, mencionado no testamento de 1877. Boletim Informativo NUER/Núcleo de Estudos de Identidade e Relações Interétnicas – volume 3, número 3. Florianópolis: UFSC, 2006.

¹² **Angelina Fernandes da Silva**. Documentário “Sua cor bate na minha”. Acervo Unochapecó.

caindo, porém, quando foi até o local de onde os sons vinham, não avistou nenhuma árvore caída. Algumas versões desta lenda dizem que o Gritador¹³ é acompanhado por cachorros que lhe mordem os pés (por isso os gritos).

Figura 4: Angelina Fernandes da Silva: narrando sobre visagens.



Fonte: Documentário “Sua cor bate na minha”. Acervo Unochapecó.

Segundo o documentário, tais visagens caracterizam o isolamento dos escravizados e seus descendentes na área do quilombo. Mombelli (2009) elucida que as visagens estão diretamente ligadas ao universo das assombrosas aparições e das histórias do tempo da sociedade escravista colonial e tais eventos carregam um poder explicativo sobre o lugar, a relação dos moradores com a mata e as estradas, com as terras e com o território. As visagens e as lendas da comunidade contadas pelas mulheres quilombolas estão associadas à tradição oral, ao repertório cultural da comunidade e a relação dos quilombolas com os elementos constituintes deste território.

Na roda de conversa, a quilombola Florência de Souza¹⁴ lembrou das histórias de visagens que seus pais contavam para ela e seus irmãos e sobre os serões¹⁵ que seus pais faziam à noite na sua casa, os quais assustavam Florência quando ela era criança: “Nós não queríamos ouvir aqueles causos de terror, nos dava medo. A gente cobria a cabeça e enxergávamos várias pessoas na parede, por causa do medo. O nosso coração saltava de medo.”

Questionada sobre a lenda do Gritador, Florência ri e diz: "Que medo do Gritador!". Com entusiasmo, ela narra essa lenda para nós, lembrando os detalhes com a mesma

¹³ Existem diferentes versões da história por trás da lenda do Gritador pelo Brasil.

¹⁴ **Florência de Souza**. Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2023.

¹⁵ Espécie de encontros noturnos que os moradores da comunidade realizavam para contar e compartilhar histórias assustadoras.

vivacidade que seu pai costumava contar. Para Florência, essa é uma das lendas mais conhecidas e disseminadas na comunidade há décadas, transmitida de geração em geração através da oralidade. Ela destaca a importância dessas narrativas como uma forma de preservar a memória e a tradição da comunidade, mantendo viva a riqueza cultural e o encanto das histórias assustadoras que povoam a imaginação das pessoas da região.

Para deixar registrado neste trabalho, a versão da lenda do Gritador que Florência conta para nós é envolvente e cheia de suspense. Segundo ela, a história se passa numa noite em que dois caçadores, compadres entre si, decidem aventurar-se na mata para caçar animais. Antes de partir, um dos caçadores alerta o outro para que não responda a nenhum grito que ouvir durante a caçada e, caso escute algum, deve imediatamente subir em uma árvore para se proteger. À medida que avançam pela mata, os caçadores têm sucesso em capturar alguns animais. No entanto, em determinado momento, um dos caçadores escuta um grito assustador e, contra o aviso do seu compadre, decide responder ao chamado. Enquanto isso, o outro caçador, seguindo o alerta, sobe rapidamente em uma árvore para se proteger.

O relato detalhado da lenda do Gritador, compartilhado por Florência, traz à tona os momentos de tensão e terror enfrentados pelos dois caçadores na mata. A partir desse ponto, Florência mantém um tom de suspense ao relatar as consequências do ato desafiador do caçador que respondeu ao grito do Gritador. Ela narra como a voz aterrorizante do Gritador surge das sombras da mata e dialoga com o caçador desobediente.

O homem que, contra o aviso do outro caçador, respondeu ao grito do Gritador acabou sendo confrontado pela assustadora criatura. Desesperado, ele tentou subir em uma árvore para se proteger, mas o Gritador foi mais rápido e o questionou sobre o que tinha para oferecer: “O que você tem para mim?”. E então o compadre respondeu: “Eu não tenho nada.”. O Gritador disse: “Por que você me respondeu quando eu gritei? O que você tem para mim eu quero”. O homem falou: “Eu só tenho essa caça”. O caçador, sem ter mais nada além de uma caça, entregou-a ao Gritador, que a devorou completamente e exigiu por mais. O caçador não tinha mais nada, além de um cachimbo e um pouco de fumo e o Gritador, percebendo que o homem não tinha mais nada a oferecer além de um cachimbo e um pouco de fumo, reclamou e pediu por mais, deixando claro seu apetite insaciável: “Isso daqui não dá para colocar nem até a metade do cachimbo, eu quero mais!”.

Enquanto isso, o outro compadre, ainda na árvore, rezava fervorosamente enquanto segurava um rosário, demonstrando seu medo e tentando se proteger espiritualmente. Quando o Gritador percebeu que o caçador já não tinha mais nada a oferecer, falou: “Então você não tem mais nada? Agora vai você!”. Assim, o Gritador devorou o caçador, deixando apenas

alguns restos mortais. O Gritador, que fez questão de deixar os restos mortais do outro caçador, olhou para o compadre que ainda estava na árvore e disse: “A tua sorte é que você está com essas bolinhas na sua mão, senão ia você também, ainda bem que você não respondeu meu grito”, apontando para o rosário em suas mãos como a razão pela qual ele foi poupado. Em seguida, a criatura se afastou. Quando o compadre se sentiu seguro para descer da árvore, ele correu em desespero, e os restos mortais do caçador devorado o seguiram, clamando por sua companhia e gritando: “Compadre, me espera que eu vou junto!”. O homem, temendo pela própria vida, pulou na cabeceira de um rio, e os restos mortais proferiram: “Compadre, a tua sorte é que você pulou a cabeceira dessa água, senão você ia também”.

Através da envolvente lenda do Gritador compartilhada por Florência, podemos observar elementos que refletem a realidade vivida por seus antepassados. A relação estreita com a mata, como mencionado anteriormente por Mombelli, é evidente na história, uma vez que os caçadores adentram a floresta em busca de animais para a subsistência de suas famílias. Nesse contexto, a caça desempenhava um papel fundamental na alimentação e na sobrevivência das comunidades, especialmente em um tempo em que não era considerada uma prática ilegal. Além disso, a expressão da religiosidade também se manifesta no relato, quando o caçador que se encontra na árvore recorre à oração e segura um rosário como forma de proteção espiritual diante da assustadora presença do Gritador. Essa manifestação da religiosidade mostra como a crença e a fé eram elementos presentes na vida cotidiana das comunidades, fornecendo uma sensação de segurança e amparo em momentos de perigo ou incerteza.

A história do Gritador, assim, revela aspectos da vivência dos antepassados de Florência, revelando a estreita relação com a natureza, a importância da caça para a subsistência e a expressão da religiosidade como forma de enfrentar desafios e proteger-se de forças sobrenaturais. Esses elementos são fundamentais para compreendermos a cultura e a identidade da Invernada dos Negros, pois representam uma parte essencial de sua história e tradição transmitidas oralmente ao longo do tempo.

A professora Florência destacou a função educativa de contar tais lendas e visagens para os seus alunos, pois elas significam o contato com as suas ancestralidades. Dentro desse contexto, Florência nos contou que desenvolve atividades, nas quais seus alunos fazem entrevistas com as pessoas mais idosas da comunidade, perguntando acerca das suas lembranças de visagens e assombrações. A crença em assombrações foi observada no relato de Florência, que conta ter experimentado a sensação de presenciar uma assombração do Boitatá, mas que na verdade, a mãe dela a avisou que tal assombração era uma cobra sendo queimada em frente à sua casa. Apesar de haver uma explicação lógica para tal acontecimento, Florência declara:

“Mas na verdade existia essas coisas de verdade. Por isso que eu digo que tem coisas que são realidade e coisas que não são.”¹⁶

Sandra Nancy Ramos Freire Bezerra (2011) entende a crença em assombração como tradicionalidade, termo que se refere às tradições ou práticas culturais passadas de geração em geração dentro de uma comunidade e que são preservadas por meio da oralidade, mantendo uma conexão com as raízes e a história da comunidade. São culturas do povo, ou seja, histórias criadas que se reconstróem gerando sentidos e, por isso mesmo, são históricas. Ao considerar as crenças em assombrações como parte dessa tradicionalidade, compreendemos que elas não são apenas histórias isoladas, mas sim narrativas que se reinventam e se reconstróem ao longo do tempo, gerando diferentes significados e interpretações. Essas histórias estão intrinsecamente ligadas à identidade cultural de um povo, refletindo suas experiências, medos e valores.

Dessa forma, as crenças em assombrações não devem ser vistas apenas como contos fantasiosos ou meras superstições, mas como parte integrante do patrimônio cultural de uma comunidade. Elas carregam consigo uma carga histórica e simbólica, revelando aspectos importantes da cosmovisão e da tradição oral de um determinado grupo. Essas narrativas não apenas proporcionam entretenimento, mas também desempenham um papel vital na construção da identidade e do sentido de pertencimento de uma comunidade.

2.2 O CEMITÉRIO

O cemitério, como foi mencionado anteriormente, é um local considerado sagrado para a comunidade da Invernada e um lugar de memória e de pertencimento. O espaço, que possui aproximadamente 900 metros quadrados, foi tombado em 2003 e Dona Maria Luzia Lopes¹⁷(14:10) explica o motivo: “Por causa que a firma queria tirar ele do terreno dele, de cima do terreno dele”. O cemitério da Invernada dos Negros é declarado Patrimônio Histórico e Cultural de Campos Novos, através da Lei nº 2.774/03 de 02 de abril de 2003, porém sem consultar os membros da comunidade.

O ato de tombamento do cemitério, que deveria representar a valorização de um espaço considerado sagrado para o grupo, acabou se transformando ponto turístico do município. Apropriado pelo órgão público, passou a representar uma espécie de memorial para lembrar o passado da escravidão a partir do olhar do colonizador, o branco. Na entrada do cemitério uma placa de bronze em um pedestal de pedra traz um texto em homenagem ao advogado Henrique Rupp, responsável pelo processo de Ação de Divisão das terras da Invernada dos Negros [...]. A ação de tombamento refletiu as formas de dominação historicamente constituídas do poder local com

¹⁶ **Florência de Souza.** Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2022.

¹⁷ **Maria Luzia Lopes.** Documentário “Sua cor bate na minha”. Acervo Unochapecó.

relação aos negros: significou uma homenagem ao passado escravo a partir da perspectiva do branco. A escravidão ou o passado dos negros é visto como ‘vestígio’ e um mote potencial para o turismo na região. Toda e qualquer relação com as condições dos negros, de sua luta por inclusão e reconhecimento legal das terras que tradicionalmente ocupam foram desconsideradas nesse processo. (MOMBELLI, 2009, p.201)

Dona Maria Luzia comenta que o cemitério representa para os moradores da comunidade uma recordação familiar e lembra que desde quando era jovem os moradores iam no Dia de Finados até o cemitério, cantavam e rezavam o terço. A visitação ao cemitério é uma prática antiga para a comunidade, na qual todos se envolviam para passar o dia, compartilhando alimentos e rezando para seus entes queridos e amigos sepultados no cemitério. “A prática da visitação ao cemitério foi se restringindo e hoje é realizada de forma discreta por pequenos núcleos familiares, em função dos desdobramentos causados pela ação de divisão das áreas e sua apropriação privada por terceiros”. (MOMBELLI, 2009, p.202). Em seguida, Angelina Fernandes da Silva diz que o cemitério é muito antigo: “Se fosse bem analisar, tem quatro ou cinco morto, um enterrado em cima do outro. Com certeza que os escravos foram enterrados ali”. Rosely nos diz que sua avó contava para ela que o cemitério da Invernada começou quando um homem foi morto e enterrado dentro do espaço que viria a ser o cemitério, durante a Guerra dos Farrapos. “O cemitério é mais velho que Campos Novos”, afirma Rosely.

Segundo Vicenzi e Taffarel (2019) o território legado ao longo do século XX sofreu alterações em função da expropriação realizada por advogados, madeireiras, fazendeiros e indústria de celulose, os pinus¹⁸ foram intencionalmente plantados próximos do cemitério com o intuito de apagar a cultura material e as lembranças dos legatários. Em Santa Catarina, pinus é a representação da morte sobre terras tradicionais.

¹⁸ O pinus é uma espécie de árvore que foi introduzida no Brasil na década de 1930 com o objetivo de fornecer madeira para a indústria. Em Santa Catarina, o pinus é cultivado em larga escala em áreas de reflorestamento para a produção de madeira. A região Sul do Brasil é responsável por cerca de 80% da produção nacional de madeira de pinus, sendo que Santa Catarina é um dos principais estados produtores.

Figura 5 – Visão geral do cemitério em fevereiro de 2023.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia realizada durante a viagem de campo.

Ainda ocorrem sepultamentos dos moradores da comunidade no Cemitério da Invernada dos Negros, local onde também estão enterrados muitos dos seus antepassados. No centro temos um plátano e é possível identificar enterramentos na terra e em túmulos. As flores indicam que a visitação é algo constante e a presença de determinados símbolos nas sepulturas reflete a religiosidade cristã da comunidade.

Além disso, tivemos dificuldade em chegar ao cemitério da comunidade em função dos pinus, cujo terreno do cemitério está no meio do território que a Iguazu Celulose não aceita entregar à comunidade. Notamos que o local está carente de cuidados em termos de conservação e proteção do patrimônio cultural, apresentando sinais de abandono. Aparentemente o cemitério está há um tempo significativo sem a manutenção adequada das sepulturas e dos arredores, cujos danos estruturais, desgaste e perda de importantes vestígios históricos e culturais foram observados. Nos túmulos mais antigos sequer é possível ler o que consta nas lápides, como a identificação do indivíduo.

2.3 A PRESENÇA DE COSTUMES CATÓLICOS E EVANGÉLICOS

Os/as entrevistados/as dos documentários analisados, em sua maioria, se declararam católicos. Nas rodas de conversa, Dona Angelina e suas filhas¹⁹ declaram que são evangélicas, entretanto Angelina nos falou que já foi “muito católica”, fazia muitas novenas e não permitia que suas filhas dormissem antes de rezar. A filha Joanacir nos contou que quando era católica

¹⁹ Joanacir Alves Teixeira, Sandra Aparecida de Moraes, Vera Lúcia Alves da Silva, Maria Beatriz Alves da Silva Melo e Denise de Fátima Alves dos Santos são as filhas de Dona Angelina. No momento de nossa conversa, somente Denise não estava presente.

sentia “ódio de crente”, mas que decidiu tornar-se evangélica com 18 anos de idade, devido a busca por uma conexão espiritual mais profunda com Jesus Cristo. A decisão de trocar a fé católica pela evangélica, como foi o caso de Joanacir, é similar à jornada de fé de Angelina e das demais filhas.

Bertolina de Souza Pedroso (8:18), quando questionada sobre sua religião no documentário "Sua cor bate na minha", expressa com convicção sua identificação como católica: "Graças a Deus, católica! Porque me criei nessa religião e gosto!". Para ela, que foi “criada” desde jovem na tradição católica, todas as religiões são boas. No entanto, Bertolina admite desconhecer o Candomblé. Da mesma forma, Maria Isolina Souza Neto, enquanto está sentada em sua varanda, também afirma ser católica, pois aprendeu essa religião com seu pai. Ela também desconhece o Candomblé quando questionada sobre religiões de matriz africana. "É só na Católica Apostólica Romana", afirma Maria Luzia ao defender sua crença no referido documentário, declarando que não conhece nem acredita no Candomblé, Umbanda e Mãe de Santo. As moradoras da comunidade demonstram grande devoção aos santos e santas católicos, possuindo em suas casas diversos artefatos religiosos, como quadros e imagens de resina dos Santos (Figura 6).

No entanto, é perceptível que há uma intenção das jornalistas do documentário de 2005 em relacionar religiões de matriz africana à identidade quilombola, pressupondo que ser quilombola implica seguir determinados laços culturais, como as religiões. Essa abordagem suscita reflexões sobre as interseções entre religiosidade, identidade e pertencimento na comunidade.

Figura 6: Artefatos religiosos de Bertolina de Souza Pedroso.



Fonte: Documentário “Sua cor bate na minha”. Acervo Unochapecó.

Tivemos conhecimento de que Bertolina realizava alguns benzimentos quando era mais jovem, os quais ela aprendeu com sua irmã mais velha. Tais práticas de cura e proteção eram passadas de geração em geração, transmitidas oralmente entre as mulheres da comunidade. No entanto, com o passar dos anos e o avanço da idade, Bertolina lamenta que muitas dessas benzeduras se perderam em sua memória.

Essa perda de memória das benzeduras é um lembrete do caráter efêmero e transitório de certos saberes tradicionais. “Preservar e divulgar informações referentes aos conhecimentos tradicionais repassados de geração para geração é fundamental para a valorização dessas pessoas consideradas mestres dos saberes.” (CERICATTO ET AL., 2019, p.10). À medida que o tempo passa e as gerações se sucedem, algumas práticas e conhecimentos podem gradualmente desaparecer, tornando a compreensão de suas histórias e culturas mais difíceis de aprender posteriormente. É um lembrete de que devemos valorizar e preservar as tradições e sabedorias transmitidas oralmente, buscando registrar e documentar essas práticas para que não se percam completamente.

“A palavra benzer significa ‘dar a benção’ a alguém, a uma pessoa que confia na eficácia da cura.” (SILVA; FARINHA, 2012, p.74). Benzimento é uma prática tradicional de cura que existe em diversas regiões brasileiras desde o período colonial (CERICATTO ET AL., 2019), sobretudo em áreas rurais e em comunidades tradicionais, onde o acesso a cuidados de saúde formais é limitado. É uma prática que envolve rituais e cerimônias para invocar o poder divino ou espiritual para curar uma pessoa de uma doença ou condição. Os benzimentos geralmente envolvem o uso de orações, cânticos, incensos, ervas e outros materiais sagrados para canalizar o poder divino ou espiritual para a pessoa que está sendo curada. A benzedeira é a responsável por conduzir o ritual e realizar a cura e, geralmente, são mulheres mais velhas, de classes com baixo poder econômico. Para muitas pessoas, o benzimento é uma forma de encontrar alívio para dores e doenças que não podem ser curadas pela medicina moderna.

Foi perceptível que a prática de benzer está se perdendo na comunidade em função dos novos modos de vida, como a mudança de crenças religiosas e avanços científicos e tecnológicos, o que torna cada vez mais difícil em manter viva a tradição. A presença cada vez mais reduzida de benzedeiros nas comunidades é um reflexo do declínio dessa prática. As gerações mais jovens têm demonstrado menos interesse em aprender e dar continuidade a essas antigas tradições, optando por outros caminhos e perspectivas de vida. Rosely, nesse sentido, percebe a falta de benzedeiros atualmente.

Mas eu creio que assim: é a fé né. Aí depois a gente saiu daqui, voltamos, eu retornei em 2010 para cá, vim morar aqui em 2010. Então, eu vi que muita coisa se perdeu

nesse caminho da tradição, de benzer, porque os velhos não ensinavam, os mais novos não tinham interesse, porque acham que nunca vai acabar, e acaba, né²⁰.

Entretanto, de acordo com os relatos das mulheres que conversamos, notamos que as benzedoras eram figuras essenciais e altamente valorizadas pela comunidade. Elas desempenhavam um papel fundamental ao utilizar seus conhecimentos e habilidades para tratar enfermidades e afastar o mal por meio de rezas e rituais específicos. As benzedoras eram consideradas verdadeiras guardiãs do bem-estar físico e espiritual das pessoas ao seu redor, além de representar um vínculo com a ancestralidade, uma fonte de sabedoria que se baseava não apenas no conhecimento, mas também na crença na eficácia das rezas e rituais.

Embora reconheçamos que as mudanças sociais e culturais afetaram a prática da benzedura, é fundamental valorizar e preservar esses saberes e reconhecer a importância das benzedoras na história e identidade da comunidade da Invernada dos Negros. Seu legado merece ser protegido, para que a conexão com as tradições e o respeito à sabedoria popular não se percam ao longo do tempo. Ao reconhecer a riqueza cultural e espiritual contida nas rezas, rituais e conhecimentos das benzedoras, é possível manter viva essa tradição e garantir que ela seja apreciada e valorizada nas comunidades, mesmo diante das transformações sociais e culturais que ocorrem na contemporaneidade.

2.4 BATISMOS

O batismo é um sacramento cristão que simboliza a purificação do “pecado original”, o ingresso na comunidade cristã é considerado um momento importante na vida de um cristão, que marca o início de uma caminhada de fé e compromisso com os valores e ensinamentos do Evangelho. Na comunidade da Invernada dos Negros é habitual batizar os recém-nascidos duas vezes: primeiro em casa e depois na igreja. O batismo em casa é uma prática religiosa que consiste em realizar o ritual em um ambiente doméstico, como na casa de um cristão ou de um líder religioso, e geralmente é uma cerimônia mais simples e íntima, envolvendo apenas familiares e amigos próximos do batizado. “É lei nossa”, disse Maria Altiava quando conversamos sobre o batismo em casa. Tanto ela, quanto seus oito filhos foram batizados em casa e na igreja. Ela descreve que o batismo em casa deve ser realizado antes do recém-nascido completar sete dias de vida. É necessário buscar a água do batismo em um determinado poço que há na comunidade, colocar essa água (benta) dentro de um prato branco, coloca

²⁰ Rosely de Fátima Oliveira. Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2023.

[...] um sal cruzado, pega um galhinho de arruda, daí vai benzer: te batizo, fulano, em nome do pai, do filho, do espírito santo. Se tem mais gente: amém. E diz o nome da criança três vezes. O padrinho, a madrinha, todos rezam. É bom colocar um salzinho, um pouquinho, na boca da criança também ²¹.

Enterrar o cordão umbilical dos recém-nascidos também foi uma prática comentada nas rodas de conversa. Tal prática envolve o ato de enterrar o cordão umbilical de um recém-nascido em um local específico, como um jardim, uma árvore ou um local de importância familiar. Geralmente, é realizado logo após o parto, quando o cordão umbilical é cortado e o restante é deixado para secar e cair naturalmente.

Dona Angelina relatou que as suas filhas foram batizadas em casa e depois na igreja. Em casa, ela disse que se rezava Pai Nosso e Ave Maria, jogava água na cabeça do bebê e dava o nome da criança. Era “apresentar a criança”. A água que jogavam na cabeça do bebê vinha do poço da Invernada, local de tradição da comunidade. As filhas disseram que se a criança não fosse apresentada, a criança era considerada pagã. Igualmente, todos os filhos de Bertolina foram batizados em casa e na igreja. Segundo Raquel Mombelli (2009), os moradores da comunidade acreditam que os poços e fontes da região são protegidos pelo Monge São João Maria, cuja devoção ao Monge é antiga entre as pessoas da Invernada. Há fontes de água por toda a comunidade e os moradores acreditam que as águas são protegidas por São João Maria.

Os locais onde João Maria sinalizou as “águas santas”, as grutas em que pernoitou, as diversas marcas deixadas por ele no território brasileiro durante sua peregrinação, na medida do possível, foram preservadas por essas comunidades e hoje se constituem como locais de memória, espaços simbólicos da crença, pontos relativamente imutáveis, que na construção de suas narrativas que reforçam todo um imaginário ligado ao monge. Constituindo-se assim como um patrimônio cultural e imaterial do planalto meridional brasileiro. (VEBER, KUNRATH, 2016, p.5)

João Maria de Agostini, também conhecido como Monge João Maria, foi um líder religioso e figura histórica no Sul do Brasil no século XIX. Ele nasceu em 24 de junho de 1801 em Altagua, uma pequena aldeia nos Alpes italianos, e se tornou monge na Ordem Franciscana. Em 1847, João Maria deixou a Itália para pregar o evangelho na América do Sul, chegando primeiro ao Uruguai e depois se mudando para o sul do Brasil. Ele atraiu seguidores entre a população pobre da região, que viam nele uma figura de inspiração espiritual. O Monge João Maria ficou conhecido por suas profecias e curas, atraindo a atenção de autoridades religiosas e políticas da época.

²¹ **Maria Altiva Dias.** Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2023.

Figura 7: Retrato do Monge João Maria



Fonte: Documentário “Invernada dos Negros”.

Todavia, é importante salientar que existem registros de diferentes indivíduos que adotaram o nome “João Maria” e se tornaram conhecidos como monges, especialmente na região sul do Brasil. Três destes monges se destacaram e se consolidaram na memória de várias comunidades, sobretudo as do planalto meridional brasileiro, que foram os eremitas João Maria de Agostini (citado anteriormente, foi o primeiro a surgir na região), João Maria de Jesus e João Maria de Agostinho. Cada monge João Maria teve seu próprio legado e influência, e suas histórias podem variar de acordo com o contexto histórico e geográfico específico em que atuaram.

Felipe Veber e Gabriel Kunrath (2016) apontam que em diferentes regiões da América do Sul e Central é possível identificar a presença de João Maria, tanto a presença física do mesmo durante os séculos XIX e XX, quanto a permanência de devoções à sua figura. Os monges João Maria, portanto, tiveram uma importância significativa na memória e na cultura da região sul do Brasil e sua presença é lembrada por meio de lendas, histórias transmitidas de geração em geração e monumentos erigidos em sua homenagem. Muitas comunidades, incluindo a Invernada, mantêm tradições e celebrações ligadas ao monge João Maria, mantendo viva sua memória e perpetuando os ensinamentos e valores que ele representava.

Os adeptos de São João Maria se apoiam em sua duvidosa e parca biografia; em alguns relatos da origem e da morte do Monge, além das profecias e dos milagres; e, por fim, nas lapas, águas, árvores e cruzeiros que teriam uma ligação com o Monge quando ainda em vida, além de uma fotografia. (MENEZES, 2012, p. 114).

Dona Bertolina recorda que desde criança ouvia falar das histórias sobre o Monge. Ela enfatiza que, ao contrário do que muitos acreditavam, ele não se dedicava a realizar benzimentos, mas sim a oferecer sábios conselhos e orientações espirituais. “Ele aconselhava!”²². Florência também nos relata que ouvia de seu pai várias histórias sobre João Maria:

Meu pai falava em São João Maria de Agostinho, onde ele passava, onde ele tomava água, as águas nunca secavam. E exatamente, as águas que eu conheço que, por exemplo, tem uma água que nunca secou, muito linda aquela água. E João Maria falava muitas coisas que hoje observamos que está acontecendo, que já passou, que aconteceu. Meu pai falava que ele dizia que muitas coisas iam acontecer, que os filhos não iriam obedecer aos pais, que iria existir muitas teias de aranha pelo ar, que não existia, mas eles ainda iriam ver teias de aranha em todos os locais. Então, com o passar do tempo, essas teias de aranha viraram a eletricidade, os fios. Meu pai também contava que com o passar dos anos também viria luto preto no chão e ia dar muita mortandade. O luto preto ia matar muitas pessoas, esse profeta falava. E esse luto preto, depois, meu pai ainda comentou “ah, era o asfalto”²³.

Acerca do ritual do batismo caseiro, Tereza de Souza também faz seu relato no documentário *Sua cor bate na minha*, e considera-o essencial para o recém-nascido: “Em casa geralmente a gente vai lá no poço, pega a água num prato, arruda e um pouquinho de sal”. Além da água benta, a arruda (*Ruta graveolens*) é uma planta associada a diversas crenças populares e superstições, e utilizada em rituais de proteção e afastamento de energias negativas. O ritual do batismo “duplo” também é descrito por Maria Luzia Lopes (9:54) no documentário *Sua cor bate na minha*:

O batizado era assim: eles batizavam assim quando nascia, levavam na água, convidavam os padrinhos, os padrinhos lá pegavam a água e batizavam, e depois batizavam no padre, na igreja de novo, com o padre. Duas vezes.

Desta forma, podemos compreender que os ritos de batismo na comunidade quilombola Invernada dos Negros são indicativos das diversas formas de expressão religiosa presentes, tanto aquela transmitida oralmente ao longo das gerações, quanto a da religião “oficial”. Durante as nossas rodas de conversa, pudemos observar que a prática do batismo caseiro ainda é bastante comum na comunidade, e notamos uma semelhança na forma como o ritual de batismo é conduzido, conforme descrito por Maria Altiva em 2023, e a descrição feita por Tereza de Souza em 2005. Isso sugere que existe uma continuidade cultural e religiosa nas práticas de batismo ao longo do tempo, evidenciando a importância desses rituais para a

²² Bertolina de Souza Pedroso. Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 19 de fevereiro de 2023.

²³ Florência de Souza. Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2023.

comunidade quilombola. Essa observação reforça a valorização das tradições e a preservação dos saberes ancestrais presentes na Invernada dos Negros.

3. TRABALHO E SOCIABILIDADES FAMILIARES

Neste capítulo, abordaremos aspectos relacionados às dinâmicas de trabalho e interações sociais presentes na comunidade quilombola Invernada dos Negros. Nele, são descritos os seguintes subtópicos: Memórias da infância: Bertolina, Angelina, Florência e Maria Altiva; Partos e parteiras; Relação com plantas e ervas - os chás medicinais e Protagonismo das mulheres quilombolas.

No subcapítulo Memórias da infância, são compartilhadas lembranças e experiências vividas por Bertolina, Angelina, Florência e Maria Altiva durante a fase inicial de suas vidas. Essas memórias revelam aspectos da cultura e das vivências familiares na comunidade, além de destacarem a importância da preservação dessas lembranças como parte da identidade quilombola.

O tema dos "Partos e parteiras" aborda o papel crucial desempenhado pelas parteiras tradicionais na Invernada dos Negros. As mulheres quilombolas compartilham suas experiências relacionadas aos partos realizados por essas parteiras, destacando a confiança e o conhecimento transmitidos por gerações, além da importância dessas práticas para a preservação da saúde e bem-estar das mães e dos recém-nascidos.

A "Relação com plantas e ervas - os chás medicinais" explora o saber tradicional das mulheres quilombolas no uso de plantas e ervas medicinais para o tratamento de diversas enfermidades. São compartilhadas receitas e práticas relacionadas aos chás medicinais utilizados na comunidade, destacando a importância desses conhecimentos ancestrais na promoção da saúde e no cuidado com o corpo e o espírito.

Por fim, o subtópico "Protagonismo das mulheres quilombolas" destaca a atuação das mulheres na comunidade, ressaltando seu papel como agentes de mudança e lideranças locais. São abordadas questões relacionadas à participação das mulheres quilombolas em espaços de decisão e na preservação das tradições culturais, bem como o fortalecimento da identidade quilombola por meio de suas ações e iniciativas.

3.1 MEMÓRIAS DA INFÂNCIA: BERTOLINA, ANGELINA, FLORÊNCIA E MARIA ALTIVA

As memórias da infância são recordações afetivas e emocionais que guardamos da nossa infância e que moldam quem somos hoje em dia. Essas memórias são formadas por experiências vividas na infância, como brincadeiras, momentos com a família, amigos, professores e outras pessoas significativas em nossas vidas. Essas memórias têm um papel importante em nossa formação como indivíduos, pois nos ajudam a entender nossas origens, nossos valores e nossas emoções. Elas também nos permitem reviver momentos de felicidade e de afeto, o que pode ser reconfortante em momentos difíceis da vida adulta, todavia podem ser vivências positivas ou negativas, e podem ser acionadas por diferentes estímulos, como sons, cheiros, sabores e lugares. Além disso, as memórias da infância podem afetar a forma como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor e com as outras pessoas. Elas influenciam nossas preferências, medos, hábitos e escolhas. Por essa razão, é comum que muitas pessoas se apeguem às suas memórias da infância e as considerem parte importante de suas identidades.

Durante sua infância e parte da adolescência, Dona Bertolina compartilhou que desempenhava um papel essencial nos afazeres da lavoura ao lado de seus pais. Juntos, eles cultivavam uma variedade de alimentos que sustentavam sua família, incluindo milho, feijão, mandioca, batata doce, arroz e trigo. Além disso, a criação de ovelhas também fazia parte de suas responsabilidades diárias, onde aprendeu a cuidar dos animais com carinho e dedicação. No âmbito doméstico, Dona Bertolina assumia várias tarefas, desde a limpeza da casa, cuidar dos irmãos mais novos, até a preparação das refeições.

Um dos momentos mais especiais de sua aprendizagem foi quando sua mãe a ensinou a fazer tricô usando a lã das ovelhas que criavam. Com paciência e dedicação, Dona Bertolina dominou essa arte, criando peças delicadas e únicas que mantinham sua família aquecida durante os dias frios de inverno.

Eu fazia as roupas dos meus filhos. No frio, a gente dava um jeito, emendava um pano. Fazia de lã, de tricô, fazia o fio, tinha o peãozinho de fazer o fio. Depois usava a agulha para fazer o tricô. A gente fazia muita roupa de lã! Coberta a gente também fazia. Ih... nossa mãe lidava com lã direto. A gente tinha ovelha, a mãe criava ovelha na casa dela. O pai tinha um rebanho bem grande.²⁴

Além disso, Dona Bertolina explorou sua criatividade através de artesanatos, como a confecção e venda de peneiras feitas de taquara, que eram vendidas em Campos Novos. Ela nos conta que produzia essas peças artesanais com maestria, mostrando seu compromisso em

²⁴ **Bertolina de Souza Pedroso.** Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 19 de fevereiro de 2023.

preservar as tradições locais e contribuir para o sustento de sua família. Com a orientação de seu pai, Bertolina aprendeu a confeccionar balaios e cangalhas feitas de taquara, que não apenas supriam as necessidades da família, mas também eram comercializados em Ibicuí, trazendo uma fonte adicional de renda para o lar. “Eu ia na cidade vender, eles encomendavam bastante, chegava em casa e meu marido ia procurar no mato mais taquara para eu fazer mais²⁵”. Aprender a andar a cavalo foi outra lição que seu pai compartilhou com ela. Apesar das longas horas dedicadas aos afazeres domésticos e às tarefas na lavoura, Bertolina se recorda com saudade dos momentos de lazer de sua infância.

As brincadeiras com seus amigos e irmãos trazem um sorriso nostálgico aos seus lábios. A peteca, especialmente, ocupava um lugar especial em seu coração, pois ela própria a confeccionava o brinquedo. Ela se orgulha em dizer que, atualmente, continua a criar petecas para seus netos e bisnetos brincarem perto dela. Essa conexão entre passado e presente é uma fonte de grande felicidade para Bertolina. Ao observar seus netos e bisnetos brincando com as petecas, ela se lembra das brincadeiras animadas de sua própria infância e se sente grata por poder proporcionar essas memórias e momentos especiais para as gerações seguintes. É uma prova viva de como tradições e brincadeiras simples podem atravessar o tempo e continuar a unir as pessoas, mantendo viva a essência da infância e reforçando os laços familiares de amor e cuidado.

Bertolina casou-se aos vinte anos e, após se tornar mãe fez questão de transmitir para seus filhos os mesmos conhecimentos e habilidades que seus pais lhe ensinaram. No entanto, ela lamenta que algumas de suas filhas não tenham conseguido aprender a confeccionar artesanatos com taquara, uma vez que as demandas da vida moderna e as diferentes escolhas de carreira limitaram a oportunidade de aprendizado. Enquanto ela e seu marido trabalhavam na lavoura, sua filha mais velha assumia a responsabilidade de cuidar da limpeza da casa, preparar as refeições e cuidar dos irmãos mais novos. Conforme suas filhas iam crescendo, Bertolina gradualmente as envolvia em seu trabalho na roça. Enquanto as filhas ajudavam Bertolina nas atividades agrícolas, seus filhos acompanhavam o pai nas tarefas de roçada. Embora enfrentassem desafios como a dificuldade de locomoção e a falta de vestimentas adequadas para os dias mais frios, Bertolina e seu marido se esforçaram para garantir que seus filhos tivessem a oportunidade de frequentar a escola. Essas memórias evidenciam a força e a determinação de Bertolina como mãe, que não apenas transmitiu habilidades práticas, mas também ensinou seus filhos sobre valores essenciais como a união e a resiliência.

²⁵ **Bertolina de Souza Pedroso.** Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 19 de fevereiro de 2023.

Com sua mãe, Florência de Souza teve a oportunidade de aprender valiosos conhecimentos sobre o poder das plantas medicinais e a arte de preparar chás para tratar e aliviar diversos tipos de sintomas. Ao relembrar sua infância, Florência se emociona ao descrever suas brincadeiras favoritas, como fazer balanços nas árvores e criar histórias imaginárias com seus amigos. Florência enfatizou que a conexão compartilhada durante esses momentos, que inspiraram a bela poesia, *Brincadeiras de resgate*, que ilustra as primeiras páginas desta monografia, permeada por risos, travessuras e cumplicidade, criou memórias que ainda aquecem seu coração até os dias atuais.

Mas nós brincávamos nos balanços. Aí quando nossa mãe observava que a gente ia se machucar, nós íamos bem para longe achar cipó para se balançar, e ela não ouvia nossa voz, nossa fala, aí ela começou a nos seguir, e no outro dia a gente chegava lá e nossa balança estava em uma altura que a gente não alcançava mais. Daí era proibida a brincadeira, mas nós brincávamos de toda forma. Aí tinha os guamirins, sabe, eles são móveis, nós brincávamos nele, subíamos nos guamirins, e eu adorava quando o guamirim dobrava. Aí a gente falava “vamos brincar como um macaco?”, porque na época tinha bastante macaco e bugio. Estava a gente brincando e os macacos gritando, sabe, e nós ficávamos olhando-os saltando de uma árvore para outra. A gente queria brincar como eles. Pegávamos até os brinquedos dos animais! A gente também queria correr carreira. ‘Vamos ver quem salta mais, é o ganhador, quem salta menos é perdedor’. Só que o perdedor sempre ficava triste, porque queria estar ganhando também. Era nossas formas de brincadeiras. A gente brincava também de pular corda, pular tábua, brincava de rodas cantadas, muito bonito e bem divertido²⁶.

Florência também relatou com entusiasmo na roda de conversa que tinha um imenso prazer em ir à escola e dedicar-se aos estudos. Estudou até o 4º ano do ensino fundamental, pois as escolas da comunidade só ofereciam ensino até essa série. Desta forma, a mãe de Florência, que não queria interromper sua jornada educacional, deixou a quilombola permanecer por três anos na 4ª série, cujo professor era seu tio, irmão do seu pai. “Quando meu tio pegava o giz eu já sabia tudo o que ele ia fazer, não tinha mais o que aprender”²⁷. A escola que Florência frequentava, distante cerca de 5 km de sua casa, exigia dos estudantes uma jornada desafiadora todos os dias (como as condições climáticas adversas e a distância). Além disto, Florência nos conta que ela e seus colegas encontraram uma solução para transportar seus materiais escolares: utilizavam um pacote de fubá, adaptado de forma criativa, transformado em uma espécie de mochila improvisada. Apesar das boas lembranças de sua infância, Florência relembra momentos de dificuldade durante sua adolescência, quando passou por situações de fome. Ela

²⁶ **Florência de Souza**. Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2022.

²⁷ **Florência de Souza**. Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2023.

compartilha essas experiências para conscientizar sobre a realidade vivida por muitas pessoas em comunidades rurais, onde o acesso aos alimentos nem sempre é garantido.

“Brincava na água, no barro, na chuva. Era tão bom²⁸!”. Expressou Maria Altiva, ao recordar sua infância, demonstrando um carinho especial pelas brincadeiras que costumava desfrutar junto de seus irmãos e amigos. Independentemente das condições climáticas, fosse sob o sol escaldante ou entre as gotas de chuva, eles encontravam alegria e diversão em suas aventuras imaginativas. Embora Dona Maria Altiva não tenha concluído seus estudos na escola devido à escassez de professores na época, ela compartilhou conosco com entusiasmo a cativante história do dia em que foi presenteada com um par de sapatos novos.

A gente ia a pé na escola da Corredeira. No frio via a geada na vagem e a geada não derretia. A gente subia morro e lá tinha o sol, nós passávamos correndo, e ficávamos com o pé que não parecia da gente. E aí, ficar na escola, fechados lá com o pé no chão, aí até o recreio para esquentar o pé. A gente sofreu, quando dava pra ir a gente ia, quando dava para passar. Até quando eu ganhei um sapatinho, não sei de quem, ela disse assim “leve o meu sapato! Calce o meu sapato para você ir na escola.” E serviu nos meus pés esse sapato. Aí eu cheguei na escola tão grã-fina, faceira com esses sapatos, porque todos os outros com os pés no chão. Mas passamos por tudo isso e graças a Deus a gente está bem, tem que estar. Tem lembranças ruins, mas tem lembranças boas. Então, a gente não vai esquecer²⁹.

Algumas das filhas de Dona Angelina compartilharam suas experiências educacionais, revelando que algumas estudaram na escola da comunidade da Corredeira, enquanto outras frequentaram a escola da comunidade Manoel Candido, onde tiveram a oportunidade de ser alunas da mãe de Rosely, Nair. Elas recordam com carinho as caminhadas diárias de ida e volta para a escola, desfrutando do tempo livre para brincar ao longo do caminho. Durante a noite, quando retornavam à comunidade, era necessário levar um lampião ou uma vela para iluminar o caminho, uma vez que a eletricidade ainda não havia chegado àquela região.

Dona Angelina relembra que desde cedo envolveu suas filhas nas atividades agrícolas, ensinando-lhes a importância de cuidar da lavoura. Desde jovens, suas filhas aprenderam a manejar a enxada, cortar pinus, carregar toras, buscar água, além de cuidar dos afazeres domésticos e preparar as refeições. “Cuidar do corpo, da lavoura e dos bens é uma tarefa importante para os camponeses e camponesas negras que têm suas histórias forjadas na luta pela terra conquistada no século XIX.” (MOLET, 2018, p. 275). Deste modo, a comunidade da Invernada, marcada por sua resistência e resiliência, compreende a importância de preservar e cultivar tanto o solo fértil quanto o corpo que os sustenta. Os moradores reconhecem que a terra

²⁸ **Maria Altiva Dias.** Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2023.

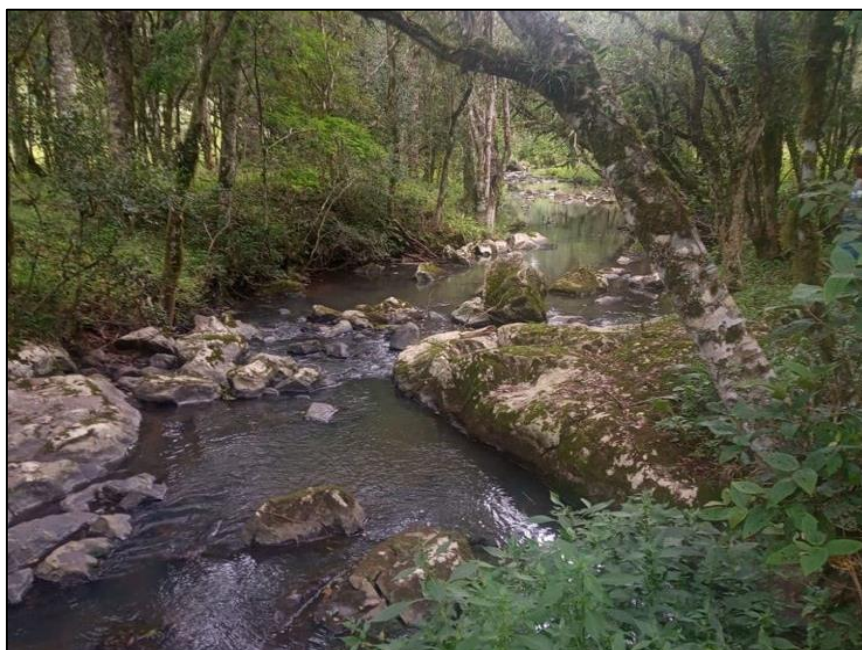
²⁹ **Maria Altiva Dias.** Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2023.

é um elemento sagrado que lhes proporciona sustento, identidade e pertencimento. Para esses homens e mulheres negros, cuidar da terra é mais do que uma mera atividade agrícola, é uma forma de honrar seus ancestrais, que lutaram para garantir seu direito à propriedade e à autonomia.

Ao final da nossa visita à casa de Dona Angelina, sua filha Joanacir nos conduz ao riacho (Figura 8) onde ela, suas irmãs e sua mãe costumavam lavar as roupas, revelando um local de práticas cotidianas. Lavar roupa no rio era uma prática comum em muitas comunidades rurais e quilombolas, inclusive na Invernada dos Negros. Antigamente, antes da disponibilidade de água encanada e máquinas de lavar modernas, as mulheres da comunidade costumavam utilizar os rios e córregos locais para realizar essa tarefa. Essa atividade de lavar roupa no rio envolvia a coleta de água do rio em baldes ou bacias, o uso de sabão caseiro (como sabão feito de sebo e/ou cinzas) para ensaboar as roupas e o processo de esfregar e enxaguar as peças nas águas correntes do rio. As mulheres se reuniam nas margens dos rios, compartilhando histórias e interagindo enquanto realizavam essa tarefa doméstica. Essa prática não apenas ajudava a manter as roupas limpas, mas também era um momento de convívio e socialização entre as mulheres da comunidade. Além disso, a água dos rios era considerada limpa e pura, o que contribuía para uma lavagem eficaz das roupas.

Em seguida, Joanacir nos conduz a sua plantação de morangas (Figura 9) e compartilha com entusiasmo seu conhecimento sobre o cultivo das morangas – destinadas para venda no comércio local, sobretudo em Campos Novos – destacando suas diversas utilidades culinárias.

Figura 8: Riacho (corredeira) na propriedade de Dona Angelina.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia realizada durante a viagem de campo.

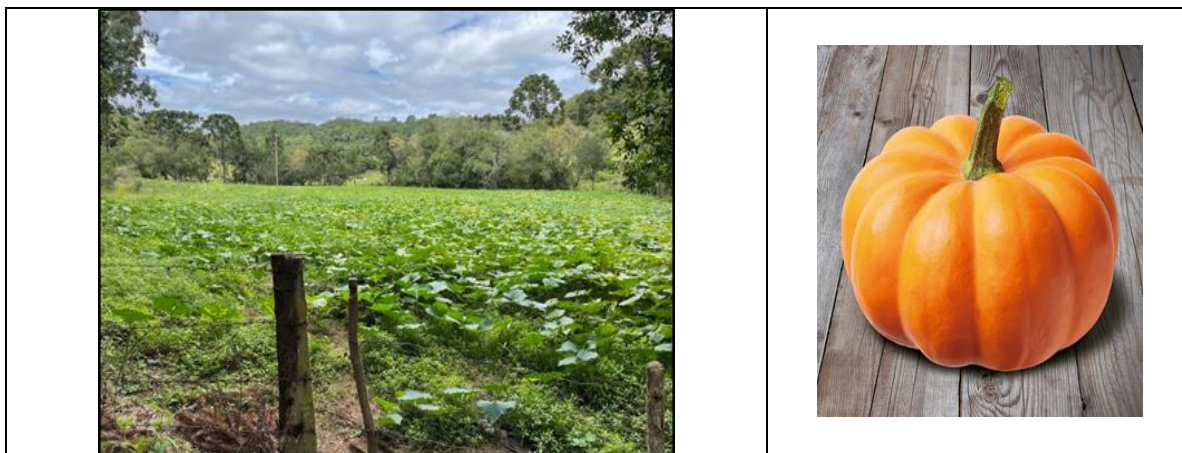
Cuidar da lavoura era/é essencial para garantir uma produção sustentável e a subsistência da comunidade. Isso inclui atividades como preparar o solo, plantar, irrigar, controlar pragas e colher os produtos cultivados. Como comentamos anteriormente, Florência de Souza é contra o uso de agrotóxicos, pois ela valoriza a relação harmoniosa com a natureza, implementando práticas agrícolas tradicionais e conhecimentos ancestrais para garantir uma produção saudável e em equilíbrio com o meio ambiente. Florência compartilha que desde criança ela acompanhava seus pais na lavoura, auxiliando-os nas tarefas agrícolas.

Minha mãe plantava, meu pai plantava e a gente também com seis anos acompanhava eles com uma enxada pequena, às vezes brincava e um pouco trabalhava também. Mas a ferramenta era brincadeira, mas nossos pais já davam para a gente aprender. Dali colhia milho, criava galinha para comer, mas de repente a planta não dava para o ano todo. Era moído farinha, meu pai ia com o milho até o moinho, fazer farinha para a gente comer. E o milho era dado para as galinhas. Minha irmã mais velha, que faleceu faz dois anos, ela fazia milho ralado. Era uma coisa bem gostosa. E daí, como era difícil ir ao moinho, do próprio milho era feito um monte de coisa, era torrado o milho, minha mãe torrava na cinza o milho, ou em cima da chapa, porque não era fogão que tínhamos, era fogão de chão, com chapa ali. Depois surgiu uma chapa que eles chamavam de jipão, daí era colocado em cima dessa chapa logo em seguida. Era torrado esse milho, que era socado no pilão e era peneirado em uma peneira fina e se fazia uma farinha, do próprio milho³⁰.

Ela, com onze anos de idade, começou a trabalhar de fato com a sua mãe na lavoura de outras famílias na região. Florência nos disse que esse trabalho foi fundamental para melhorar a situação financeira de sua família na época. Ao se envolver nas atividades agrícolas, Florência não apenas contribuía para o sustento de sua família, mas também desenvolvia habilidades essenciais e adquiria conhecimentos valiosos sobre o cultivo da terra. Em sua visão, a utilização de agrotóxicos representa uma ameaça à biodiversidade, contaminando os solos, a água e os alimentos, além de afetar a saúde das pessoas que consomem esses produtos. Florência acredita que o conhecimento e os métodos ancestrais de cultivo, são valiosos e devem ser preservados para garantir uma produção saudável e em equilíbrio com o meio ambiente. Por isso, além de praticar esses valores em sua própria produção agrícola, Florência dedica-se com afinco a ensinar esses princípios e conhecimentos nas aulas que ministra. Ela acredita que é fundamental compartilhar essas práticas sustentáveis e conhecimentos ancestrais com as gerações presentes e futuras, para promover uma transformação positiva no campo e na sociedade como um todo.

³⁰ **Florência de Souza.** Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2023.

Figura 9: Lavoura de morangas.



Fonte: Acervo da autora. Fotografia realizada durante a viagem de campo.

3.2 PARTOS E PARTEIRAS

As parteiras são mulheres que adquiriram seus conhecimentos sobre cuidados com a gestação, parto e pós-parto através da tradição oral e da experiência prática. Elas não possuem formação formal em saúde, mas são consideradas importantes provedoras de cuidados de saúde em muitas comunidades, incluindo a Invernada dos Negros. São geralmente encontradas em áreas rurais e em comunidades de baixa renda, onde o acesso a cuidados de saúde formais é limitado ou inexistente. Elas oferecem um cuidado personalizado e humanizado, dando apoio emocional e físico às mulheres não somente durante o processo do parto, mas durante toda a gestação e no pós-parto. As parteiras tradicionais usam técnicas naturais e tradicionais para ajudar as mulheres a ter um parto seguro e saudável. Isso pode incluir o uso de ervas medicinais, massagem, acupressão e outras práticas.

O ciclo gravídico-puerperal sempre foi associado à construção social da maternidade, ou seja, ao papel socialmente construído e atribuído às mulheres. Dessa forma, a assistência à mulher nessa fase era prestada por outras mulheres, sejam as mais velhas e experientes, sejam as chamadas parteiras, já que desenvolviam uma relação de proximidade com a parturiente por compartilharem suas próprias histórias de vida. Fundamentadas nos conhecimentos que adquiriram através das experiências passadas de geração a geração, as parteiras utilizam-se de técnicas empíricas. (BONFIN et al., 2018, p.2)

Todas as mulheres quilombolas que conversamos disseram nascer de parteira e conheciam/sabiam de histórias sobre as parteiras da comunidade. A avó de Florência, Florência Caripuna dos Santos, por exemplo, foi uma parteira muito reconhecida e procurada pelas gestantes na Invernada. Florência conta que sua avó realizava os atendimentos nas casas das grávidas e que possuía seus próprios equipamentos para a realização do parto. Segundo

Florência sua avó conseguia pressupor quantos filhos cada mulher teria e qual seria o gênero da criança.

Não precisava de cirurgia, nada. Elas tinham todo o tipo de massagem, como fazer, sabia se o bebê estava ao contrário. Minha avó falava quando estava ao contrário e eles tinham que fazer massagem até virar o bebê e quando nascia o bebê, quando era o primeiro bebê, a minha avó tinha o conhecimento de saber quantos filhos aquela mulher ainda iria ter e se era menino ou menina. Tem uma prima minha que o primeiro filho que ela teve foi minha avó que foi a parteira, mas no primeiro filho ela disse assim “você vai ter só menino e vai ter mais cinco meninos”. E foram só meninos, não ganhou nenhuma menina, bem certinho. E a gente queria saber como que ela sabia disso, como a vó sabe?! Ela dizia assim, que cada nózinho, eu não entendo bem, é do conhecimento da parteira, mas vendo esses nózinhos a minha vó sabia dizer se era menino ou menina e quantos seriam. Quantos filhos teria, ela sabia por causa desse nózinho, não sei explicar ou informar para vocês como, mas dava muito certinho³¹.

Maria Altiva conta que antigamente “quase ninguém ia ao hospital”, e por isso muitos moradores da comunidade nasceram com a assistência de uma parteira. A institucionalização do parto refere-se ao processo pelo qual o parto passou de ser uma prática realizada no ambiente doméstico, muitas vezes assistida por parteiras tradicionais, para ser predominantemente realizado em instituições de saúde, como hospitais e maternidades. A institucionalização do parto teve suas origens em várias mudanças sociais e médicas. Uma delas foi a crescente medicalização do parto, com a introdução de práticas obstétricas baseadas em evidências científicas e o surgimento de tecnologias médicas, como a anestesia e os procedimentos cirúrgicos. Isso levou a uma visão do parto como um evento médico que requer supervisão e intervenção médica. A urbanização e industrialização também tiveram um papel importante na institucionalização do parto, pois, à medida que as sociedades se tornavam mais urbanas, as famílias se distanciavam de suas redes de apoio tradicionais, como nas parteiras, e buscavam assistência médica em instituições de saúde mais próximas. De fato, observamos nos relatos das mulheres sobre as parteiras, durante as rodas de conversa, eram histórias antigas, de mais de 30 anos atrás. Não houve menção a nenhuma parteira que estivesse realizando partos na comunidade atualmente.

3.3 RELAÇÃO COM PLANTAS E ERVAS – OS CHÁS MEDICINAIS

Os chás medicinais têm sido usados como remédios naturais por milhares de anos, e muitos deles têm propriedades antioxidantes, anti-inflamatórias e analgésicas, que podem ajudar a aliviar diversos problemas de saúde. Além disso, a ingestão de chá pode ajudar a manter o corpo hidratado, o que é importante para a saúde geral. O consumo de chás é uma prática que tem sido usada há muito tempo em muitas culturas como uma forma de cuidado com a saúde e

³¹ **Florência de Souza.** Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2023.

bem-estar. Além disso, a ingestão de chá é considerada uma maneira simples e acessível de prevenir ou tratar sintomas de algumas doenças.

Durante as rodas de conversas realizadas com as mulheres quilombolas da Invernada dos Negros, foi evidenciada a significativa relação que elas possuem com plantas e ervas medicinais, especialmente no que diz respeito à preparação de chás. Todas as mulheres que conversamos afirmaram possuir conhecimentos sobre a preparação de diferentes tipos de chás e sobre as propriedades terapêuticas de cada planta utilizada. As mulheres quilombolas compartilharam seus saberes sobre as plantas que cultivam ou coletam na natureza, as formas de preparação dos chás e os benefícios que eles podem proporcionar para a saúde e o bem-estar.

Os chás mencionados nas rodas de conversa têm diversas aplicações terapêuticas. Alguns são indicados para aliviar dores de cabeça, enquanto outros são recomendados para combater resfriados e fortalecer o sistema imunológico. Há também chás utilizados para aliviar dores de estômago, reduzir cólicas menstruais e promover o relaxamento. As mulheres compartilharam suas experiências pessoais e familiares, destacando a eficácia desses chás no tratamento de diversos problemas de saúde.

Preparar um chá pode ser um momento de cuidado pessoal, como Maria Altiva nos conta que bebe chá como “se fosse água³²”. Até no preparo do chimarrão, Maria acrescenta sálvia – a qual ela cultiva na sua própria horta – dentro da cuia. “Quando eu resolvo eu tomo só chá! Tomo três dias só chá e paro. Tomo hoje, amanhã e depois, e paro. Daí depois, sigo de novo, deixo parar uns 8 ou 15 dias, daí sigo de novo”. Diabética, ela alerta que nem todo tipo de chá é aconselhado para quem possui a doença, mas diz que a fruta araçá “é bom para a diabetes” e que consome várias de uma vez só.

De fato, o araçá³³ é uma fruta com baixo teor de açúcar e com uma quantidade significativa de fibras, vitaminas e antioxidantes, o que pode ser benéfico para pessoas com diabetes. As fibras presentes no araçá ajudam a retardar a absorção de açúcar pelo corpo, o que pode ajudar a manter os níveis de açúcar no sangue sob controle. Além disso, o araçá contém antioxidantes, que podem ajudar a reduzir a inflamação e proteger contra doenças cardiovasculares, que são comuns em pessoas com diabetes.

Várias receitas de chás para diversos tipos de dores foram compartilhadas durante nossas rodas de conversa e Maria Altiva recomendou fortemente uma receita para dor de

³² **Maria Altiva Dias.** Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2023.

³³Sobre o valor nutricional do araçá. Disponível em: <https://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/infoteca/bitstream/doc/1027134/1/2015folderaracaef.pdf>

garganta que vai gengibre e casca de laranja, porém diz que hoje em dia observa que ninguém mais faz este tipo de receita por optar por medicamentos comprados na farmácia. No entanto, é importante ressaltarmos que os remédios caseiros, como os chás de ervas, têm sido utilizados ao longo dos séculos e possuem propriedades medicinais comprovadas.

Coloca em um copo a casca de laranja. Coloca tudo ali, aquele outro que dá fruta, que é bom para a gripe... o gengibre! Aí pica tudo, coloca no copo, coloca açúcar, pega as brasas e coloca dentro, mexe, mexe até apagar aquela brasa e aí coloca água quente. Olha, aquilo era tão bom para a garganta. Queimava tudo, mas hoje em dia ninguém faz mais isso, tem medo de dar. Eu tenho medo de indicar para uma criança pequena³⁴.

Outra razão pela qual as pessoas faziam muito chá para aliviar sintomas das doenças é que era uma opção de tratamento acessível e fácil de encontrar, pois muitas plantas medicinais eram cultivadas localmente nas hortas das famílias da Invernada e podiam ser colhidas e preparadas em casa sem custo.

Além da receita de Maria Altiva para dor de garganta, Florência compartilhou algumas de suas recomendações para aliviar dores específicas. Para casos de dor de barriga, ela indicou o chá de losna ou cipó mil-homens, conhecidos por suas propriedades medicinais que ajudam a acalmar o sistema digestivo e aliviar desconfortos abdominais. Já para problemas de má digestão, Florência sugeriu o chá de marcela, uma erva comumente utilizada como digestivo natural, conhecida por suas propriedades calmantes e carminativas que auxiliam na digestão e aliviam sintomas como azia e sensação de estômago pesado. No que diz respeito a cólicas menstruais, Florência mencionou o chá de Artemísia, uma planta que tem sido utilizada tradicionalmente para aliviar as dores menstruais e regular o ciclo menstrual. A Artemísia possui propriedades antiespasmódicas que ajudam a relaxar os músculos do útero, proporcionando alívio das cólicas.

Ao investigar as relações entre cura e crença de Juca Rosa³⁵ no Rio de Janeiro Imperial, Gabriela dos Reis Sampaio (2009) enfatiza que as práticas de cura estavam intimamente ligadas a formas específicas de crenças. Desta forma, compreendemos que as crenças desempenham um papel fundamental na forma como as pessoas entendem a saúde, a doença e a cura, e influenciam as abordagens terapêuticas adotadas. Em muitas sociedades tradicionais, a cura é vista como um fenômeno que abrange não apenas o corpo físico, mas também o aspecto emocional, mental e espiritual. Essa compreensão mais ampla da saúde e do bem-estar reflete

³⁴ **Maria Altiva Dias.** Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2023.

³⁵ José Sebastião da Rosa, mais conhecido como Juca Rosa, foi um Pai de Santo que nasceu no Rio de Janeiro em 1833. Filho de mãe africana, Juca Rosa liderou uma seita misteriosa, cujos adeptos eram, em sua maioria, negros, trabalhadores e pessoas pobres. Rosa oferecia conselhos e realizava práticas de curas, bem como rituais de magia, a quem o procurava.

a visão integrada do ser humano como parte de um todo maior, interconectado com o ambiente natural e com as forças espirituais que permeiam a vida. Nesses contextos culturais, as práticas de cura não se limitam apenas ao tratamento dos sintomas físicos, mas buscam equilibrar e harmonizar todos os aspectos da existência. Acredita-se que o desequilíbrio em qualquer um desses níveis pode resultar em doenças e enfermidades. Portanto, a abordagem terapêutica é multifacetada, envolvendo rituais, cerimônias, medicamentos naturais, práticas espirituais e o apoio da comunidade.

Nesse sentido, os chás tradicionais compartilhados pelas mulheres quilombolas da Invernada dos Negros não são apenas remédios naturais para aliviar dores físicas, mas também representam uma prática de cura que considera o ser humano em sua totalidade. Rosely³⁶ nos relata que, na Invernada dos Negros, ir ao hospital era considerado como a última alternativa para os moradores da comunidade. Quando algum problema de saúde mais grave surgia, recorria-se ao hospital, mas isso só ocorria após esgotarem-se todas as outras possibilidades. Era comum utilizar-se de práticas como fazer promessas como forma de buscar soluções para os problemas de saúde. O médico era sempre visto como a última opção a ser considerada.

Essa perspectiva reflete uma abordagem que valoriza os recursos e práticas tradicionais de cura presentes na comunidade. Os quilombolas da Invernada dos Negros confiam na sabedoria ancestral e nas práticas terapêuticas transmitidas por gerações, acreditando que essas abordagens são eficazes e preferíveis em muitos casos. A preferência por recursos naturais e métodos tradicionais pode ser atribuída à crença na conexão profunda entre os seres humanos e a natureza, bem como à confiança na eficácia dessas práticas na promoção da cura e do equilíbrio.

Ao utilizar as propriedades medicinais das plantas e ervas, essas mulheres não apenas buscam aliviar sintomas, mas também promover o equilíbrio e a harmonia em todos os níveis. Atualmente, há um amplo reconhecimento de que a aquisição de medicamentos se tornou mais acessível. Isso se deve aos avanços significativos na indústria farmacêutica e na tecnologia, que possibilitaram a produção em larga escala e a distribuição mais eficiente dos medicamentos. Além disso, a presença cada vez maior de farmácias e drogarias em áreas urbanas e rurais, juntamente com serviços de entrega a domicílio, contribui para facilitar ainda mais o acesso aos medicamentos.

³⁶ **Rosely de Fátima Oliveira.** Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2023.

3.4 PROTAGONISMO DAS MULHERES QUILOMBOLAS

As mulheres quilombolas da Invernada desempenham muitos papéis importantes, tanto para suas famílias, quanto para a comunidade. São elas que, desde a infância, aprendem a cuidar da família, da lavoura, os animais de pequeno porte, da casa nos afazeres domésticos, e em muitos casos, vendem sua força de trabalho como assalariadas, assumindo mais atividades produtivas, como o corte e manejo do pinus. Suas jornadas de trabalho são extensas, mas ao mesmo tempo, elas traçaram estratégias de resistência e lutas para viver esse cotidiano, e pela oralidade, adquiriram os conhecimentos necessários para a sobrevivência através suas mães, irmãs mais velhas, tias e avós.

As mulheres negras têm seus corpos estigmatizados e suas vozes silenciadas há séculos. Quando eram escravizadas, segundo a historiadora Claudia Molet (2018), as mulheres pretas eram vistas como unidades de trabalho lucrativas e, além disso, sofriam outras formas de violência relacionadas ao gênero, pois eram vítimas de abusos sexuais e outros maus tratos bárbaros específicos a sua condição de gênero. Em conversa com Rosely³⁷, ela afirma: “Aqui existe a cultura machista, o homem pode e a mulher não. Mas a mulher pode tanto quanto o homem! Hoje eu me defendo muito bem, quando um homem vem com alguma brincadeira que eu vejo que é malícia.” Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio impostos às mulheres são lamentáveis e representam uma estrutura arraigada na ordem social. Ao longo da história, as mulheres foram submetidas a uma série de normas, expectativas e restrições que restringiam sua participação plena e ativa na vida pública e na tomada de decisões. Essa invisibilidade e silenciamento das mulheres têm raízes profundas no patriarcado e em sistemas de opressão de gênero. As mulheres foram frequentemente relegadas a papéis secundários, consideradas inferiores aos homens e subjugadas a uma série de normas e convenções sociais que limitavam seu acesso à educação, ao trabalho remunerado e à participação política.

Minha mãe falava que queria deixar do meu pai, mas ela não podia deixar, porque era vergonhoso, não podia voltar para a casa dos seus pais, porque era vergonhoso se deixasse. Naquela época era vergonhoso, os pais não aceitavam rejeitar casamento. Tinha que viver aquela vida. A gente ficava triste junto com nossa mãe, vendo o sofrimento dela³⁸.

Na citação acima, Florência relata a experiência de sua mãe, que expressava o desejo de deixar seu pai, porém se sentia impossibilitada de fazê-lo devido às pressões sociais e ao sentimento de vergonha associado a esse ato. Na época em que ocorreram esses acontecimentos,

³⁷ **Rosely de Fátima Oliveira.** Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2023.

³⁸ **Florência de Souza.** Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2023.

era considerado vergonhoso e desaprovado pelos pais a rejeição de um casamento. Portanto, a mãe tinha que permanecer naquela vida, mesmo que sentisse tristeza e sofrimento. Esse relato evidencia um contexto social em que as normas e as expectativas sociais moldavam as escolhas e as vidas das mulheres, muitas vezes restringindo sua autonomia e liberdade. Florência enfatiza o sentimento de impotência diante das limitações impostas pela sociedade, em que a mãe não podia exercer sua vontade de buscar uma vida diferente. Abaixo, o depoimento de Rosely revela os abusos enfrentados por mulheres.

E muitas mulheres aqui apanhavam do marido. Eles chegavam em casa bêbados, elas não tinham nem o que comer, às vezes não tinham nem uma fralda para pôr na bunda do filho. Lembro que minha mãe fazia crochê e tricô, fazia o enxoval dos filhos, mas naquela época não se aceitava o casamento assim, as gurias fugiam, mas depois tinha que casar, porque para eles o casamento era muito importante, a mulher ter um marido e principalmente ter o sobrenome do marido. Meu avô sempre falava para nós “você quer ser largada igual a Nair?”. Então largada hoje eu entendo que era separada. Só que ela era uma mulher meio reclusa, ela não participava da comunidade, não participava de uma missa, criou os filhos nesse lugar, mas a gente não via ela em uma festa, por vergonha por ela ter sido largada. Ela não queria ser julgada³⁹.

No contexto descrito, o divórcio era visto como algo vergonhoso e estigmatizado pela sociedade. O relato menciona que a mãe de Rosely foi considerada "largada" por ter passado por uma separação ou divórcio. Essa percepção negativa em relação ao divórcio estava enraizada nas normas culturais e valores tradicionais da época, nos quais o casamento era considerado uma instituição sagrada e a ideia de romper esse vínculo era mal vista. Rosely menciona que seu avô expressava a preocupação de que suas filhas não seguissem o exemplo da mãe e fossem "largadas" como ela. Essa atitude indica uma pressão social para que as mulheres permanecessem em casamentos infelizes ou problemáticos, mesmo que isso significasse abdicar de sua felicidade e bem-estar. O divórcio era encarado como uma falha ou um sinal de fracasso, e as mulheres que optavam por se separar poderiam ser alvo de julgamentos e exclusão social. Essa visão estigmatizada do divórcio reflete as normas sociais patriarcais que valorizavam a estabilidade do casamento e a dependência feminina em relação aos homens. As mulheres eram frequentemente pressionadas a manterem os laços matrimoniais, mesmo que isso significasse suportar situações de violência, infelicidade ou desrespeito.

Apesar dessas adversidades, Rosely compartilha conosco a importância de sua mãe, Nair, na história da fundação da Associação Remanescentes de Quilombo Invernada dos Negros (ARQIN). Segundo Rosely, sua mãe teve um papel fundamental na mobilização e organização dos moradores para a criação da associação, que tinha como objetivo principal a preservação

³⁹ **Rosely de Fátima Oliveira.** Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2023.

da cultura e dos direitos dos quilombolas. Nair foi uma liderança inspiradora, dedicando tempo e esforço para garantir que os anseios e demandas da comunidade fossem ouvidos e atendidos. Sua atuação serviu de exemplo para muitos outros quilombolas, que encontraram na associação um espaço de união e luta pelos seus direitos. A influência de Nair na história da Associação dos Remanescentes é uma prova do poder transformador das mulheres quilombolas, que desempenham um papel central na preservação da cultura e na luta por justiça social.

Em 2004 ela retornou para a comunidade e deu uma levantada na comunidade, quem começou a fazer esse negócio da Associação dos Remanescentes foi ela. Não tinha dinheiro para fundar a Associação, queriam fundar a Associação, mas não tinha como. Aí ela pensou: “três reais não é muito para ninguém” e saiu catando três reais de cada um. Chegava e falava “temos que fazer isso e isso, para fundar a Associação, então cada um tem que dar três reais por mês”. Foi ali que fundou a Associação, porque até 2004 tinha tudo, mas a Associação dos Remanescentes aqui não existia, daí ali que eles fundaram a Associação. A Fundação Palmares certificou, tudo, e então tem uma parte que está titulada e outra parte que está certificada. Ela, querendo ou não, desempenhou esse papel⁴⁰.

Portanto, a história de Nair e de outras mulheres quilombolas é essencial para evidenciar como a luta contra o estigma e as normas patriarcais permitiu o fortalecimento da identidade quilombola e a conquista de espaços de participação e empoderamento feminino dentro e fora das comunidades. Durante as rodas de conversa e relatos das mulheres quilombolas da Invernada dos Negros, também foi destacado que as mulheres desempenhavam um papel fundamental no cuidado dos irmãos mais novos e nas tarefas domésticas ainda quando elas eram crianças. Essa responsabilidade recaía sobre elas desde cedo, pois era uma parte essencial de suas vivências na comunidade. Além de cuidar das atividades diárias da casa, como cozinhar, lavar roupa e limpar, elas também tinham a responsabilidade de zelar pelo bem-estar e educação dos irmãos mais novos.

A historiadora francesa Michelle Perrot (2019) afirma que as mulheres aparecem, por um longo tempo na História, sem sobrenome, sem nitidez, confinadas no silêncio de um mar abissal. Portanto, escrever a história das mulheres negras quilombolas é uma jornada de resgate e de saída do silêncio abissal em que elas foram historicamente confinadas. Durante séculos, essas mulheres enfrentaram o apagamento sistemático de suas vozes e experiências, tendo suas histórias relegadas às margens da narrativa oficial. Ao trazer à luz a história das mulheres negras quilombolas, reconhecemos sua resiliência, força e contribuições significativas para suas comunidades e para a sociedade como um todo. Descendentes de pessoas que foram

⁴⁰ **Rosely de Fátima Oliveira.** Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2023.

escravizadas, essas mulheres foram e continuam sendo agentes de resistência, enfrentando múltiplas formas de opressão, discriminação e violência ao longo dos tempos.

Na roda de conversa com Florência de Souza, ela declarou que poucas mulheres da comunidade da Invernada têm igualdade com os homens na hora de tomar decisões. Florência afirma que o quilombo é o coletivo, mas que “para uns existe coletividade e para alguns não existe. Existem diferenças, e não pode, porque no quilombo todos têm que ser iguais”. Notamos que em diversas ocasiões acerca do assunto sobre questões de gênero, as mulheres diferenciavam o "tempo de antigamente" do "tempo de agora". Essa distinção reflete a consciência das mudanças sociais, culturais e econômicas que ocorreram ao longo do tempo e que impactaram significativamente a vida das mulheres. No "tempo de antigamente" os papéis de gênero eram mais rigidamente definidos. Elas desempenhavam funções específicas dentro da comunidade, geralmente relacionadas à maternidade, cuidados domésticos, agricultura e preservação da cultura local.

No entanto, ao longo do ‘tempo de agora’, as mulheres enfrentaram transformações significativas em suas vidas. O avanço da urbanização, migração, industrialização e globalização afetou diretamente as estruturas sociais e as dinâmicas de gênero. As mulheres começaram a ingressar em setores antes dominados por homens, como o mercado de trabalho formal e a política, desafiando estereótipos de gênero e conquistando maior autonomia e independência econômica. Além disso, houve uma maior conscientização sobre os direitos das mulheres, levando a mudanças nas leis e políticas governamentais, com o objetivo de promover a igualdade de gênero e combater a discriminação e a violência baseadas no gênero.

Essas mudanças também trouxeram desafios e contradições para as mulheres. A conciliação entre trabalho remunerado e as responsabilidades domésticas, o acesso limitado a recursos e oportunidades, a persistência de desigualdades salariais e a violência de gênero são alguns dos problemas enfrentados pelas mulheres no "tempo de agora". Portanto, a distinção entre o "tempo de antigamente" e o "tempo de agora" reflete a conscientização das mulheres sobre as transformações ocorridas em suas vidas e na sociedade em geral. Essa percepção é essencial para compreender suas lutas, conquistas e demandas no presente, bem como para fortalecer a luta por uma sociedade mais justa e igualitária, onde as mulheres possam exercer plenamente seus direitos e alcançar seu potencial máximo, independentemente do "tempo" em que vivem.

A invisibilidade histórica da mulher negra quilombola é uma realidade incontestável na historiografia tradicional e somente as pesquisas das últimas décadas vêm dando um certo espaço a elas. Estas mulheres, coletivamente, ainda resistem e lutam por seus territórios, suas

liberdades e seus direitos sociais, políticos e civis. O protagonismo feminino é presente e notável na comunidade da Invernada. Elas desempenham papéis essenciais na preservação das tradições culturais quilombolas, transmitindo conhecimentos ancestrais, como técnicas agrícolas tradicionais e práticas de cura. Atas, cuidados com os filhos, irmãos mais novos, lideranças políticas e religiosas, portanto elas possuem um papel central na comunidade, tanto na preservação da identidade quilombola quanto na defesa de seus territórios.

Ao reconhecer e valorizar o protagonismo das mulheres quilombolas, estamos fortalecendo suas vozes e reafirmando sua importância na construção de uma narrativa histórica mais inclusiva e precisa. Devemos continuar apoiando suas lutas e demandas, pois, somente assim, poderemos verdadeiramente reconhecer e celebrar o legado dessas mulheres notáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, ficou evidente as mulheres da comunidade quilombola Invernada dos Negros valorizam profundamente sua ancestralidade. A preservação das tradições culturais e religiosas, bem como a transmissão de conhecimentos ancestrais, desempenham um papel crucial em sua identidade e resistência. Por meio das narrativas e testemunhos das mulheres quilombolas, percebe-se a importância das histórias dos antepassados, práticas tradicionais e rituais transmitidos de geração em geração. Esses saberes tradicionais são passados oralmente e mantidos vivos pelas mulheres, que desempenham um papel central na preservação das práticas de cura, benzeduras, conhecimentos medicinais e práticas agrícolas sustentáveis, contribuindo para a conexão com a sabedoria acumulada ao longo do tempo e sustentando a identidade cultural do grupo.

Os saberes tradicionais foram transmitidos de geração em geração para as mulheres negras quilombolas da Invernada dos Negros, mantendo vivas as práticas culturais e os valores ancestrais por muitas décadas. Esse conhecimento era passado oralmente, por meio de histórias, rituais e práticas cotidianas, criando uma forte conexão com a sabedoria acumulada ao longo dos tempos. As mulheres desempenhavam um papel central nessa transmissão do conhecimento tradicional. Elas detentoras das práticas de cura, de benzeduras, saberes medicinais e conhecedoras das práticas agrícolas sustentáveis. Por meio de sua participação ativa nas atividades cotidianas da comunidade, elas incorporavam e transmitiam os ensinamentos e os valores que sustentavam a identidade cultural do grupo.

Notamos que, ao longo do tempo, parteiras e benzedoras deixaram de fazer parte do cotidiano da comunidade, mas ainda existem práticas tradicionais importantes que resistem. A utilização de chás como remédios, o ritual do batismo em casa e a devoção ao monge José Maria continuam sendo aspectos significativos da cultura local. Além disso, lendas e histórias tradicionais continuam sendo contadas, mantendo viva a tradição oral. A comunidade também demonstra uma preocupação constante com o meio ambiente, buscando preservá-lo e proteger seus recursos naturais. Essa conexão com a natureza é um testemunho da sabedoria ancestral que ainda permeia a vida dessas pessoas, mesmo em meio às mudanças sociais e culturais.

Todavia, é fundamental reconhecer que a transmissão oral de conhecimento é algo frágil, suscetível à perda e ao esquecimento. Por sua natureza efêmera e dependente da memória humana, a oralidade enfrenta constantes desafios que podem levar à sua perda e esquecimento ao longo do tempo. É por isso que é fundamental destacar e valorizar a sabedoria das mulheres

quilombolas, pois elas são guardiãs de um legado precioso e ancestral. Essas mulheres têm desempenhado um papel fundamental na preservação e transmissão dos saberes tradicionais de suas comunidades. Por meio de suas histórias, experiências e conhecimentos transmitidos oralmente de geração em geração, elas mantêm viva a cultura, os costumes e as tradições quilombolas.

Ao reconhecermos e valorizarmos a sabedoria das mulheres quilombolas, estamos prestando uma homenagem significativa à sua contribuição inestimável na preservação da cultura e da história. Além disso, ao valorizarmos esses conhecimentos, estamos ressaltando a importância de assegurar que sejam transmitidos às gerações futuras. Ao promover espaços de escuta e diálogo intergeracional, estamos dando voz e protagonismo às mulheres quilombolas, permitindo que compartilhem seus saberes, experiências e perspectivas únicas. Esse reconhecimento é crucial para que sua sabedoria continue a influenciar e enriquecer nossa compreensão do mundo.

Da mesma forma que este trabalho foi iniciado com uma poesia inspiradora de Florência, é significativo encerrá-lo com as palavras marcantes que ela compartilha sobre o significado de ser uma mulher quilombola:

Ser uma mulher quilombola é ter História, ser quilombo é ter História e ter ancestralidade. A gente veio de lá, do conhecimento dos escravos e foi reconhecido como quilombo na comunidade e, por ser quilombola, foram reconhecidos os direitos do quilombo⁴¹.

⁴¹ **Florência de Souza**. Comunidade Quilombola Invernada dos Negros. Campos Novos/Abdon Batista (SC), 18 de fevereiro de 2023.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire. **Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombrações na Região do Cariri**. 2011. 177 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza (-CE), 2011.

BONFIM, J. O.; PRADO, I. F. do; BOA SORTE, E. T.; COUTO, P. L. S.; FRANÇA, N. M. da; GOMES, A. M. T. Práticas de cuidado de parteiras e mulheres quilombolas à luz da antropologia interpretativa. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, [S. l.], v. 31, n. 3, 2018. DOI: 10.5020/18061230.2018.7081. Disponível em: < <https://ojs.unifor.br/RBPS/article/view/7081> >

CERICATTO, S. K., SANTOS, J. S., OSÓRIO, N. B., SILVA, L. S. Memórias e Saberes das Benzedeadas de Palmas e Porto Nacional/TO. **Revista Humanidades e Inovação**. v.6, n. 2, 2019. Disponível em: < <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1132> >

GOMES, Flávio dos Santos. **Mocambos e quilombos: uma história de campesinato negro no Brasil**. São Paulo: Claro enigma, 2015.

Guedes, A. C. B., & Salgado, M. S. (2020). Mulheres quilombolas: protagonismo, identidade, território e territorialidade das mulheres negras em São Miguel do Guamá/Pará. **Revista Eletrônica História Em Reflexão**, 14 (28), 328–354.

MALAFAIA, Evelyn Dias Siqueira. Memória Ancestral: uma potência para reconstrução de nossa história. In: **Copene Sudeste**, (3). [online], Vitória. Anais[...] Vitória: UFES, 2019.

MELO, C. T. V. de. O documentário como gênero audiovisual. **Comunicação & Informação**, Goiânia, Goiás, v. 5, n. 1/2, p. 25–40, 2013. DOI: 10.5216/c&i.v5i1/2.24168. Disponível em: < <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/24168> >. Acesso em: 9 fev. 2023.

MENEZES, Celso V. Bezerra de. Rituais de devoção: dádivas no messianismo do Contestado. **Esboços: histórias em contextos globais**, v. 19, n. 28, 2012: Dossiê Centenário do Contestado. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2012v19n28p112> >.

MOLET, Claudia Daiane Garcia. **Parentescos, solidariedades e práticas culturais:** estratégias de manutenção de um campesinato negro no litoral negro do Rio Grande do Sul (do século XIX ao tempo presente). 2018. 296 f. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MOMBELLI, Raquel. Comunidades quilombolas em Santa Catarina: resistência negra e luta pela terra. *In:* ZARTH, Paulo; RADIN, José; VALENTINI, Delmir (Orgs). **História da Fronteira Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Letra & Vida: Chapecó: UFFS, 2016, 2.ed.

MOMBELLI, Raquel. **Visagens e Profecias:** Ecos da Territorialidade Quilombola. Orientadora: Dra. Ilka Boaventura Leite. 2009. 261 f. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A Reinvenção da Roda: Roda de Conversa, um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, [S. l.], v. 23, n. 1, p. 95–103, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18338>.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2019.

Silva, M. da C., & Farinha, A. C. (1). As Benzedeadas e a Renovação Carismática Católica: O Surgimento da Benzedeadas Renovada. **Revista Brasileira De História Das Religiões**, 5(13). <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v5i13.30253>

TAFFAREL, Lidiane. **Invernada dos Negros/Campos Novos-SC:** Um Movimento Rural Quilombola, 2003-2005. Orientador: Gérson Wasen Fraga. 2020. 219 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2020. Disponível em: < <https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/3820/1/TAFFAREL.pdf> >.

VEBER, F; KUNRATH, G. Raízes de um imaginário: A tradição de João Maria nos estados de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. **XV Encontro Regional de História: 100 anos da guerra do Contestado**, 2016, UFPR, Curitiba (PR).

VICENZI, Renilda; TAFFAREL, Eliane. As filhas da Africana Josepha: Resistência e permanência no Quilombo da Invernada dos Negros. Campos Novos/SC. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 12** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2021, ISSN 2179-510X, p. 1-12.

VICENZI, Renilda; TAFFAREL, Eliane; TAFFAREL, Lidiane. O lugar dos antepassados na comunidade quilombola Invernada dos Negros, Campos Novos/SC. Anais do Evento: **9º Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional**, Florianópolis (UFSC), 2019, p. 1-15.

Fontes audiovisuais

Invernada dos Negros. Direção: Eduardo do Nascimento. Segundo Congresso Nacional do Contestado, 2021. Documentário (30 min). Disponível em: <tps://www.youtube.com/watch?v=5rbETobiNk8>.

Sua cor bate na minha. Produzido por Elizamara Nilson e Paula Argenta Garcia. Laboratório de Televisão Jornalismo Unochapecó. Projeto Experimental, 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gm-WjcZwgvq>.

Fontes Oficiais

Lauda Antropológico da UFSC. *In:* Boletim Informativo NUER/Núcleo de Estudos de Identidade e Relações Interétnicas – volume 3, número 3. Florianópolis: UFSC, 2006.